



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

FRANCISCO PEREIRA SÁ NETO

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LGBTQIA+: HISTÓRIAS DE VIDA DE
LICENCIANDOS (AS) DURANTE A EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO
SUPERIOR**

**FORTALEZA
2022**

FRANCISCO PEREIRA SÁ NETO

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LGBTQIA+: HISTÓRIAS DE VIDA DE
LICENCIANDOS (AS) DURANTE A EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO
SUPERIOR**

Monografia submetida ao curso de licenciatura em Educação Física do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Dr.º Marcos Antônio Almeida Campos.

Fortaleza
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S112e Sá Neto, Francisco Pereira.
Educação física escolar e LGBTQIA+ : histórias de vida de licenciandos(as) durante a educação básica e ensino superior / Francisco Pereira Sá Neto. – 2022.
68 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Marcos Antônio Almeida Campos.

1. LGBTQIA+. 2. Educação Física escolar. 3. Histórias de vida. I. Título.

CDD 790

FRANCISCO PEREIRA SÁ NETO

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LGBTQIA+: HISTÓRIAS DE VIDA DE
LICENCIANDOS (AS) DURANTE A EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO
SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à aprovação junto ao Curso de Licenciatura
em Educação Física, da Universidade Federal do Ceará.

Aprovação em: ____/____/2022

BANCA EXAMINADORA

Profº. Drº. MARCOS ANTÔNIO ALMEIDA CAMPOS (Orientador)
Coordenador do Instituto de Educação Física e Esportes - UFC

Profª. Drª. MARIA ELENI HENRIQUE DA SILVA
Diretora do Instituto de Educação Física e Esportes - UFC

Profª. Mestranda RAFAELLA BÔTO FERREIRA COSTA
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Norte - UFRN

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, em especial a minha mãe, que me deu oportunidade de ser o homem que sou hoje, estudar para alcançar meus objetivos e, ainda assim, manter-me consciente sobre a minha trajetória de vida.

A minha madrinha, tia e, também, segunda mãe Maria Neco, que está comigo desde que nasci, me apoiando e me encorajando a manter-me firme e seguindo.

Aos meus irmãos, Breno e Bruno, que sempre me apoiaram e foram irmãos implicantes, mas carinhosos de suas maneiras. O Breno como um carinhoso apoio depois de nossa perda e companheiro de formação. Obrigado Bruno, esteja onde você estiver, eu sei que você está cuidando de mim!

Aos meus primos, Rafaelle e Rodrigo, que desde a minha infância são ótimas distrações e apoio às dificuldades da vida.

Obrigado, também, ao Professor Marcos, que acreditou e me deu apoio mesmo sem me conhecer, sendo um exemplo de pessoa que quero ser no futuro professor, orientador e, acima de tudo, um amigo.

Aos meus amigos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, em especial a Professora Luciana Venâncio e Professores Luiz Sanches e Felipe Néó, pela contribuição e colaboração no processo de tornar-me professor, que é muitas vezes desafiador, contudo, gratificante.

As professoras Maria Eleni e Rafaella Boto por representarem mulheres fortes e por aceitarem o convite de serem minha banca nesse trabalho. Duas mulheres que eu queria e toparam participar desse momento, serei eternamente grato!

A professora Márcia Gurgel e professor Antônio Jansen, que guiaram minha formação na educação física escolar, e foram importantes em meu processo de aprendizagem durante os estágios supervisionados na educação básica.

As minhas amigas de escola Ingrid, Tatiane, Vanessa, Manuela e Ana Carolina, por serem, desde a educação básica, o meu momento de escape da realidade e foram as

primeiras que me permitiram ser eu mesmo. Obrigado, de verdade, por todas as conversas, fofocas, viagens ao sítio e festas.

A minha grande amiga Alana Raquel, sendo a pessoa que mais me compreende e me apoia na minha vida pessoal e profissional. Uma amizade incrível construída do âmbito da UFC para o mundo, sendo a pessoa mais incrível que eu já tive o prazer de conhecer.

A Nicole Andrade que me acompanhou em muitos estágios, sempre sendo uma boa ouvinte e ajudando nos meus anseios e dilemas pedagógicos.

Ao Paulo Victor e Ágata, incríveis companheiros de graduação com os quais eu me importo demais por ajudarem a diminuir o estresse diário. Obrigado de coração!

À Agatha, Paula, Ariellen e Lucas Gabriel, que conheci mais tarde na UFC, mas que foram muito importantes para mim nesse último ano de graduação.

A todos(as) os(as) meus(as) amigos(as) da turma de 2019.1, de Licenciatura e Bacharelado, “Sobreviventes da Noite”, que me aguentaram em todos os meus momentos de desespero e ansiedade durante a minha graduação, estando distantes ou longes, mas sempre querendo meu bem e acompanhando minha caminhada na graduação.

A todos e todas que já me ajudaram de alguma forma, direta ou indiretamente, durante os meus processos, obrigado!

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela
tampouco a sociedade muda

(Paulo Freire)

RESUMO

A escola é o primeiro contato social que construímos fora das relações familiares e durante todo o ensino básico somos rodeados(as) pelos mais diversos sujeitos. Essa realidade contribui para o desenvolvimento integral dos(as) estudantes e propicia múltiplos aprendizados que ultrapassam os muros da escola, e se refletem na vida em sociedade. Os corpos e identidades da comunidade LGBTQIA+ historicamente foram reprimidos e marginalizados pela sociedade, colocados como uma característica patológica até 1973. Estigmas, preconceitos e discriminações são recorrentes nos contextos sociais em que esses corpos estão inseridos, no espaço escolar não é diferente. Tendo como objeto de estudo o movimento humano, a educação física escolar pode envolver inúmeras questões sociais, culturais, políticas, entre outras, propiciando discussões relevantes no combate a situações de preconceito e discriminação, assim como também pode ser terreno fértil para o desenvolvimento de situações problemas que evidenciem essas questões de forma negativa. Neste caso a experiência de vida e formação dos(as) professores(as), pode vir a fazer toda diferença já que irão norteá-los(las) no processo de ensino-aprendizagem. Esse trabalho estará pautado em narrativas e entrevistas semiestruturadas sobre as histórias de vida de licenciandos(as) LGBTQIA+ de educação física do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará. O objetivo deste estudo é compreender a relação da educação física como o percurso formativo dos(as) professores(as), iniciando com as aulas de educação física na educação básica, passando pela graduação nesta área e, como essas experiências poderiam refletir no seu papel de professores(as) de educação física. A pesquisa foi dividida em seis etapas: 1) Convite aos(as) participantes; 2) assinatura do termo livre esclarecido, 3) realização da narrativa e entrevista semiestruturada, 4) transcrição das entrevistas por colaboradores(as) e 5) análise das entrevistas. Ao final, propus estratégias pedagógicas que problematizem e se contraponham às situações preconceituosas e discriminatórias com relação as questões de gênero nas aulas de educação física escolar. Foram entrevistadas cinco pessoas da comunidade LGBTQIA+ e licenciandas em educação física pela UFC. Por meio dos achados dessa pesquisa, é possível concluir uma falta de literatura sobre a comunidade LGBTQIA+ relacionada à educação física escolar, compreendendo a ainda urgente de abordagem de temáticas sociais nas aulas de educação física, proporcionando uma reflexão crítica mais ampliada da realidade experienciada pelos(as) colaboradores(as).

Palavras-chave: LGBTQIA+; Educação Física Escolar; Histórias de Vida.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

Art.	Artigo.
BNCC	Base Nacional Comum Curricular.
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará.
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana.
DAPP FGV	Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas.
GGB	Grupo Gays da Bahia.
IEFES	Instituto de Educação Física e Esportes.
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, <i>Queer</i> , Intersexo e Assexual; o sinal de “+” apresenta uma conotação de inclusão de outras formas de sexualidade e/ou identidades de gênero.
LGBTQIA+fobia	Aversão a membros da Comunidade LGBTQIA+.
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais/Travestis.
MEC	Ministério da Educação.
ONG	Organização Não Governamental.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido.
UFC	Universidade Federal do Ceará.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
3.1 ESTIGMA, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.....	14
3.2 COMUNIDADE LGBTQIA+: SIGLA, IDENTIDADE E MOVIMENTO SOCIAL.....	16
3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: OBRIGATORIEDADE E CULTURA.....	18
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	22
4.1 NATUREZA DO ESTUDO.....	22
4.2 TIPO DE PESQUISA.....	22
4.3 COLABORADORES(AS).....	23
4.4 ETAPAS DA PESQUISA.....	23
4.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	23
4.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	25
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
5.1 RELAÇÃO ENTRE LGBTQIA+ E A ESCOLA: HISTÓRIAS DE VIDA.....	27
5.1.1 DANDARA DOS SANTOS.....	27
5.1.2 MATHEUSA PASSARELI.....	28
5.1.3 GABRIEL CARVALHO GARCIA.....	29
5.1.4 LINDOLFO KOSMASKI.....	30
5.1.5 LARISSA RODRIGUES.....	31
5.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PROFESSORES(AS) E LGBTQIA+ NAS AULAS.....	32
5.3 TEMÁTICA LGBTQIA+ E GRADUAÇÃO: REPRESENTATIVIDADE, DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO.....	34
5.4 ENFRENTAMENTO PEDAGÓGICO PELA COMUNIDADE LGBTQIA+ E MUDANÇA DA REALIDADE, AGORA NO LUGAR DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	41
ANEXO A.....	45
APÊNDICE A.....	46
APÊNDICE B.....	47

1. INTRODUÇÃO

Narrativa escrita sobre quem é o autor e qual foi percurso traçado até chegar no tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Será descrito no ponto e vista do autor, colocando toda carga emocional que esse trabalho representa.

“Eu, Francisco Pereira Sá Neto, tenho 20 anos e entrei no curso de Licenciatura em Educação Física, no Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará quando eu tinha 17 anos, em 2019. Estou no 8º semestre atualmente. Sou um homem preto e gay.

Entrei na educação física por acaso do destino. Gostava muito de matemática e só estudava sobre a comunidade LGBTQIA+, não sabia exatamente o que queria ser na vida, mas tenho um irmão. Apesar de não estar falando com ele na época, o Breno sempre foi muito próximo de mim e uma grande inspiração: dois irmãos gays contra um pai homofóbico que provavelmente nos expulsaria de casa sem pensar duas vezes. Entrei em licenciatura em educação física, porque o Breno estava quase se formando nesse curso. Foi no momento que eu entrei na UFC que eu pude me libertar e me permitir somente ser.

Uma das primeiras pessoas que conheci nesse curso foi Alana Raquel, uma mulher preta e lésbica, ficamos muito próximos desde o início. Andávamos para diariamente juntos, somos inseparáveis desde então. Hoje eu percebo que eu cresci muito com a Alana, pois a Alana me ajudou muito a realmente conseguir ser quem eu sou, sem medo e sem ressentimento, realmente me amar.

Um dos primeiros professores que conheci foi o Professor Marcos Campos, meu orientador, eu nunca tive aula com um professor que também é gay. Eu via outros homens gays bem-sucedidos nas redes sociais, mas ele era alguém real. Alguém que eu podia admirar e poderia me inspirar como pessoa e profissional. Marcos sempre esteve disposto a ajudar todo mundo, mesmo muitas vezes tendo várias demandas, ele tentava ajudar. Foi quando eu comecei a gostar de educação física escolar. Muitos professores eram incríveis falando da licenciatura, em ser professor. Hoje quero e anseio por isso.

No meu quarto semestre, voltei a fazer uma disciplina com o Professor Marcos: Práticas de Pesquisa Colaborativa II. Era uma disciplina que íamos estudar estigmas da sociedade. Amei essa disciplina. Foi o primeiro momento que eu pude falar como era ser

um homem gay, educação básica e aulas de educação física. Foi quando eu escrevi a primeira versão desse TCC, uma versão bem menos desenvolvida, com muitas falhas. Foi feito com a Alana, em dupla. Por questões da vida ela não conseguiu dar continuidade comigo nesse trabalho, mas me autorizou utilizar e manter a temática.

Ser gay, desde o quando me entendi para agora no oitavo semestre, sempre foi uma parte importante de mim. Mas eu nunca compreendi muito, até eu chegar na disciplina de Ética e Profissionalidade, nesse mesmo semestre de 2021.2. A atividade final foi para falar sobre dilemas enfrentados na educação física, como professores(as). Mais uma vez Alana está comigo nesse processo e o nosso dilema foi relacionado a questões de gênero e sexualidade ligadas a educação física. Fizemos um vídeo contando todas as situações que vivenciamos na escola e nas aulas de educação física. Todos os estigmas, preconceitos e discriminações.

Quando eu me vi naquela situação e lembrando todos às vezes que ser gay foi uma questão enorme na minha infância e adolescência eu percebi que: sempre será algo importante na minha história. Desde aquele primeiro momento quando eu tinha 10 anos, quando o professor de educação física pediu para separar meninos e meninas em um jogo de carimba, e como os meninos não gostavam tanto mim (exatamente por eu ser quem sou) eu fui para a equipe jogar com as meninas, e eu fui muito acolhido e julgado equipe adversária. Até hoje, 11 anos depois, escrevendo um Trabalho de Conclusão de Curso. Ser gay é exatamente quem eu sou.

Esse trabalho é sobre a minha história, esse trabalho é sobre a história de tantos e tantas que ser LGBTQIA+ é exatamente quem eles(as) são. Nossas histórias de vida importam!

Esse trabalho visa: identificar estigmas, preconceitos e discriminações vivenciados na educação básica, por meio das histórias de vida de licenciandos(as) LGBTQIA+ de educação física da UFC. Porque chegou um momento em que, após viver tudo o que viveu, ainda sim, optou por ser da Licenciatura e continuar estudando para serem professores(as) de educação física. Esse trabalho também é sobre a necessidade política no atual “(des)governo Bolsonaro” (PINHEIRO e GUIMARÃES, 2021, p. 1), que está promovendo ataques diretos, publicamente veiculados, a grupos politicamente oprimidos desde sua campanha de eleição, em 2017.

Para finalizar a minha narrativa, esse trabalho se justifica pela escassez de estudos e acesso à essas discussões em outros trabalhos e disciplinas, que deem visibilidade a este tema, escutando o que pessoas LGBTQIA+ tem a dizer, ouvindo as histórias de vida dessa comunidade na educação física, que perpassa a minha existência.”

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar estigmas, preconceitos e discriminações vivenciados por professores(as) em formação no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará, que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, por meio de relatos sobre suas histórias de vida.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a relação dos(as) professores(as) em formação com a Educação Física Escolar considerando às suas histórias de vida enquanto pessoas LGBTQIA+.
- Identificar nos relatos pessoais dos(as) professores(as) em formação, estigmas, preconceitos e discriminações pelos quais estes(as) tenham passado durante a educação básica e ensino superior.
- Propor estratégias pedagógicas relevantes, que venham a combater os estigmas, preconceitos e discriminações nas aulas de Educação Física Escolar.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ESTIGMA, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Para os gregos, o estigma era visto como uma marca. Essa marca na pele era feita por fogo ou cortes, que determinavam o que aquela pessoa era ou o que ela fez, podendo variar entre escravo, traidor, criminoso, ou simplesmente uma pessoa marcada, a qual deveria ser evitada em locais públicos (GOFFMAN, 2004). Trazendo para a atualidade, devido à categorização de diversos grupos, o estigma se transformou naquilo que se espera de alguém, de um determinado grupo, baseado em concepções que geram expectativas normativas exigidas de forma rigorosa para com esses grupos específicos que fogem dos padrões. Espera-se que tal pessoa seja o que se espera que ela seja, por ela fazer parte desse determinado grupo, e caso ela não seja o que se espera, sofrerá as diversas pressões sociais e violências para que se encaixe.

Goffman (2004, p. 6) afirma que o “termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos”. O que significa que a pessoa que possui algum atributo que a estigmatiza, não é uma pessoa ruim e desprezível, é por conta do outro que a vê, por não ter tal atributo, ser visto como "normal" e conseqüentemente se achar melhor do que o estigmatizado.

O mesmo autor classifica o estigma em três tipos: o primeiro é referente às abominações do corpo, que podem variar entre as diversas deformidades físicas. O segundo são as culpas de caráter individual, que acabam sendo vistas como:

“[...] vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo¹, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical.” (GOFFMAN, 1988, p. 7).

E o terceiro está relacionado aos estigmas tribais de raça, nação e religião.

Tendo em vista essas classificações de estigma, o que será analisado a partir desse documento, têm como foco um grupo específico da segunda categoria de estigma. Entre

¹ “A “homossexualidade”, como doença, só foi excluída do DSM (Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana) em 1973, após acalorados debates.” (CECCARELLI, 2012). Assim, o termo homossexualismo, com o sufixo “ismo”, até então utilizado, saiu de questão e o termo homossexualidade foi aplicado para tirar o valor de doença que essa palavra representava.

as culpas de caráter individual, nossa interligação será com os estigmas que cercam a comunidade LGBTQIA+, referente à vivência dos mesmos na educação escolar na disciplina de Educação Física.

Conceitualmente o preconceito, pela psicologia, aparece como uma disputa antagônica entre o desejo e os imperativos sociais, o “id” contra o “ego” descrito na teoria Freudiana, que a agressividade com o outro aparece como a manifestação material do preconceito (ANTUNES; ZUIN, 2008). O preconceito se estabelece como aversão a diferença em uma esfera social e política, entrando em um contexto em que você já delimita esses grupos sociais por um conceito estabelecido previamente no subconsciente social.

De forma a associar os conceitos de estigma e preconceito, Monteiro e Villela (2013) trouxeram esses termos como uma envoltura de caracterização, rotulagem, estereotipagem e rejeição social, possibilitando, também serem fatores resultantes de discriminação. Nos levando ao conceito de discriminação que aparece como: “resposta comportamental causada por essas atitudes negativas – ou, como por vezes tem sido descrito na literatura, como uma forma efetivada de estigma ou preconceito” (MONTEIRO; VILLELA, 2013, p. 28).

Quanto a discriminação, de acordo com Monteiro e Villela (2013), ela entra, por aspectos mais populares, como a prática e/ou ação, como o estigma e os preconceitos são apontados como a teoria. O estigma e preconceito seriam uma ação subjetiva, enquanto a discriminação seria uma ação prática. Desenvolvendo o conceito de discriminação como uma ação social negativa, que prejudica determinados grupos sociais em uma esfera direta e indireta de acontecimentos, é possível ser exemplificada em contextos diversos. Exemplos que seriam possíveis de encaixar é a negação de vagas de empregos para pessoas trans e travestis no mercado de trabalho, pessoas negras confundidas corriqueiramente com criminosos, ou assédio sexual, seja físico ou moral, sofrido por mulheres em diferentes ambientes.

Tratando de uma forma jurídica, a discriminação e o preconceito são crimes promulgados na Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, no Artigos 1º, que cita: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (BRASIL, 1988).

Analisando as macroestruturas sociais, Monteiro e Villela (2013), Antunes e Zuin (2008) apresentam esses conceitos como estruturais. Portanto, estão enraizados nas nossas relações sociais, afetando diretamente nas identidades, com fortes manifestações de negação à diversidade sociocultural. Essas estruturas, ainda, aparecem em um caráter de “normal”, por estar correlacionados a grupos que têm um poder político e social acima dos demais. Assim, uma população quantitativamente maior do que outra não necessariamente exerce uma relação de poder sobre determinado grupo.

3.2 COMUNIDADE LGBTQIA+: SIGLA, IDENTIDADE E MOVIMENTO SOCIAL

Ao procurarmos entender a Comunidade LGBTQIA+ e seu impacto como um movimento social, é necessário entender que existem pilares nos quais ela é construída. Seus grandes quatro pilares, por Menezes, Brito e Henriques (2010), são: Identidade de Gênero, Orientação Sexual, Sexo Biológico e Expressão de Gênero.

Podemos, assim, identificar a Identidade de gênero como a maneira em que se percebe o feminino e o masculino. Orientação Sexual, seria a “construção da identidade sexual a partir das interações sociais e do desenvolvimento” (MENEZES; BRITO; HENRIQUES, 2010, p. 251). Sexo Biológico, diz respeito ao sexo que você nasceu, e a Expressão de Gênero, refere-se a como você se apresenta para o mundo. Cada uma das letras de “LGBTQIA+” representa uma sigla que se engloba os termos de Identidade de Gênero e Orientação Sexual. Bortoletto e Guilherme Engelman (2019) consideram a sigla LGBTQIA+ como, respectivamente, as palavras: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, *queer*, intersexo e assexual; o sinal de “+” apresenta uma conotação de inclusão de outras formas de sexualidade e/ou identidades de gênero.

Existe, ainda, a necessidade de atualização para representar, cada dia mais, grupos que surgem e reivindicam seus direitos por representatividade, visibilidade e respeito. Não porque esses grupos só começaram a existir agora, todavia só agora é possível que essas pessoas tenham a liberdade de se descobrirem, se expressarem e reivindicarem o direito de ser quem sempre foram. Louro (1999) discorre sobre o reconhecimento das identidades sexuais e de gênero como construções por relações sociais, políticas e

culturais, de maneira que afirma uma declaração, desenvolvendo o sentimento de pertencer ao grupo social reconhecido.

Mesmo com essa visão de liberdade, de se ter o direito para se expressar como quiser e como se é, não anula que o preconceito o persiga², pois, a homossexualidade está fadada ao estigma por ser vista pelos que se consideram “normais” como uma atribuição que destoa os valores morais dos padrões estabelecidos pela sociedade.

Para comprovar a violência e discriminação sofrida por tais grupos, o DAPP-FGV coleta dados ao decorrer dos anos para ter noção dos índices de violência para com a comunidade LGBTQIA+. Conforme a última coleta foi constatado, pela Fundação Getúlio Vargas, que: “Em relação aos tipos de violência denunciadas pelo canal Disque 100, a categoria violência física desperta especial atenção, devido a sua gravidade, podendo levar, em casos extremos, à morte de suas vítimas. Nesta direção, a ONG Grupo Gay da Bahia (GGB) atua no mapeamento de homicídios contra a população LGBTQIA+, indicando que, em 2017, a cada 19 horas uma pessoa LGBTQIA+ foi morta no Brasil.” (SANCHES, CONTARATO, AZEVEDO, 2017).

A LGBTQIA+fobia consegue causar traumas físicos e psicológicos (BEERBAUM, et al. 2020), resultando em problemas a longo prazo e a morte de pessoas da comunidade diariamente. Algumas dessas pessoas passam por pressões psicológicas durante toda a vida, iniciando até mesmo no período da infância, caso a vítima demonstre trejeitos, gostos e/ou características que fujam do que é determinado como “normal”.

Após compreender a estruturação e impacto social que a comunidade LGBTQIA+ tem como sociedade globalizada e sujeito agente, necessitamos entender a luta por direitos e essa comunidade como movimento social. Vianna (2015) caracteriza movimento social da comunidade, principalmente em um Brasil com o governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), como uma reivindicação por direitos e criação de políticas públicas efetivas, que ganhou uma identidade coletiva em um processo contínuo de formulação e reformulação. Torna-se movimento social quando analisamos como movimento transformador e social, que luta diariamente por (sobre)viver na sociedade, contornando barreiras e ressignificando concepções.

² Como mostrado no subcapítulo do referencial teórico 3.1 Estigma, Preconceito e Discriminação.

As ações afirmativas são políticas públicas de cunho democrático e de inclusão social, promovidas pelo Estado como ações concretas (SANTOS, et al. 2008). Dado a explicação, as ações afirmativas para a luta por direitos pela comunidade LGBTQIA+, no Brasil, são: Programa Brasil sem Homofobia; Política Nacional de Saúde Integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais; Fortalecimento do Conselho Nacional de combate à discriminação e promoção dos direitos LGBTQIA+; Criação do Plano Nacional de promoção da cidadania e direitos humanos LGBTQIA+.

Ao decorrer desta pesquisa avaliaremos como esses estigmas, preconceitos e/ou discriminações que acontecem quando associados às aulas de educação física na educação básica, entendendo a pluralidade corporal e identitária no âmbito escolar, dando ênfase nas sexualidades e identidades de gênero presentes na licenciatura em educação física.

3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: OBRIGATORIEDADE E CULTURA

A educação física está assegurada por lei como um componente curricular obrigatório da educação básica segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Art. 1º O § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, onde cita: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 1996).

Dessa maneira, quando trazemos a discussão para os documentos curriculares educacionais, sejam eles estaduais e federais, as aulas de educação física, na educação básica, aparecem descritas na BNCC - Base Nacional Comum Curricular como:

“[...] as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade.” (BRASIL, 2018, p. 213)

Trazendo para um âmbito regional, quando apresentamos o contexto educacional cearense, a educação física aparece no DCRC - Documento Curricular Regional do Ceará, sendo descrita como:

“A compreensão acerca da natureza e finalidade deste componente assumido neste documento revela-se em sua vinculação à área de Linguagens. Dentro deste contexto, a Educação Física representa parte da cultura relacionada ao corpo que se manifesta por meio de gestos e movimentos dotados de sentidos e significados. Logo, em meio aos conhecimentos considerados essenciais e que devem ser veiculados pela escola, mais especificamente os que estão relacionados às formas de expressão e comunicação por linguagem específica, a Educação Física representa a linguagem que se manifesta por meio, para e no corpo.” (CEARÁ, 2019, p. 222)

A obrigatoriedade da educação física na educação básica tem existência como componente de prática facultativa, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para grupos específicos de pessoas que: cumpram jornada de trabalho igual ou superior a seis horas, maiores de trinta anos, que estiverem prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiverem obrigados à prática da educação física e/ou tenham prole (BRASIL, 1996).

A escola é uma das instituições responsáveis por re(visitar), explicar e orientar crianças e adolescentes em relação às diversidades e pluralidades das perspectivas existentes no mundo. Preparar a pessoa para viver e conviver em sociedade faz parte do papel do educador. A educação física, especificamente, é a matéria onde se trabalha diversas noções voltadas ao corpo, elemento esse que se encontra interligado à sexualidade. Na intenção de não demonstrar ações atípicas, alguns jovens acabam se desenvolvendo de forma acrítica, tímida e insegura no período dessas aulas para evitar possíveis violências sobre seus trejeitos e expressões físicas (MORAIS, OLIVEIRA e FECHIO, 2011).

É analisado que quando no espaço escolar começa a existir a LGBTQIA+fobia relacionada aos jovens homossexuais, a escola acaba agindo como uma espécie de reprodutora de diferentes tons de desigualdade³, e no caso, ser diferente não significa ser desigual (NUNES e RAMOS, 2008). Assim, a escola possui importantes e inúmeras funções quando se trata do processo de conscientização, orientação e construção dos corpos da criança e do adolescente, pois é quando eles estão em processo de descobrimento consigo mesmos.

Conforme Abromovay, Castro e Waiselfisz (2015), com parceria do MEC, 20% dos(as) alunos(as) pesquisados(as) afirmaram rejeitar colegas de classe transexuais,

³ Como sugestão, existe o Documentário “Se essa escola fosse minha” (MARCELINO, 2017). Nesse Documentário abrange vivências das situações violentas que estudantes LGBTQIA+ passaram no ambiente escolar, assim, debatendo sobre questões de gênero e sexualidade voltadas ao contexto da escola.

travestis e homossexuais. Enquanto isso, Reis, Harrad e Kosciw (2015) apresentam que 60% dos(as) estudantes brasileiros(as) se sentiam inseguros(as) na escola devido à sua orientação sexual e os(as) estudantes LGBTQIA+ têm duas vezes mais probabilidade de faltar a escola por sofrerem níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual e identidade de gênero. Assim, construímos um cenário educacional brasileiro onde um grupo é oprimido politicamente e socialmente.

Segundo Brasil (1997) e Louro (1999) existe uma característica muito marcante, cabe também o termo “tradicional”, nas aulas de educação física, que seria a separação entre meninos e meninas durante a construção das aulas, que auxilia a divergência entre ambos os gêneros. Com isso, existe uma projeção social para criar um molde identitário único, e essa divisão pode ser uma forma política de introduzir uma característica social nos (as) estudantes na educação física.

Dessa forma, Louro (1999) e Dornelles (2012) compreendem identidades, e suas divergências entre corpos na sociedade, como provenientes da cultura e, dessa forma, existe uma tangibilidade nas identidades sociais. Esse fator faz com que aqueles que não estão em conformidade com aquilo que é considerado, socialmente, “padrão” e/ou “normal” se sentem deixados de lado, e isso é contrário ao real papel do (a) educador (a) e da instituição escolar. Dessa forma, a escola deve ser um ambiente flexível, de inclusão da diversidade, seja de personalidade, características ou sexual (SANTOS, et al., 2008).

Como proposta de conteúdo da educação física escolar, Flor, *et al.* (2021), Santos, *et al.* (2021), Silva, *et al.* (2021) e Venâncio, *et al.* (2021) dialogam sobre a importância da implementação de conteúdos sobre justiça social durante a formação de professores(as) para que, no futuro, nas suas próprias aulas seja possível problematizar esses temas juntos aos estudantes. Aparecendo como uma possibilidade de utilização das subjetividades sociais como um caminho didático da educação física, respeitando as identidades e dialogando sobre a existência na sociedade, combatendo a invisibilidade de corpos na escola.

Tendo em vista todas essas afirmações sobre o quanto essas ações preconceituosas podem fazer com que a instituição educacional fuja de cumprir o seu real papel, o foco deste estudo estará voltado aos futuros professores (as) de Educação Física. Partindo do princípio de minimizar o problema analisando quais alternativas, nós, como educadores

(as), podemos aplicar para reduzir com manifestações de discriminações e desenvolver uma luta contra preconceitos nas aulas de educação física.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 NATUREZA DO ESTUDO

Demonstrarei aqui, o tipo de pesquisa desse presente documento, os(as) colaboradores(as) para este processo, assim como, os instrumentos de coleta de dados abordados no decorrer desse estudo. Neste bloco, farei uma exposição do percurso metodológico escolhido para a validação do documento. E por fim, serão relatadas as maneiras descritivas utilizadas para a realização da análise dos dados coletados.

4.2 TIPO DE PESQUISA

Essa é uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-exploratório que se cara “tem como característica observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando descobrir com precisão a frequência em que o fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores” (MATTOS, ROSSETTO JR. e BLECHER, 2004, p. 32-33).

Como essa pesquisa tem o objetivo de ter um olhar e escuta sensível dos relatos dos(as) participantes, identificando os estigmas, preconceitos e discriminações vivenciados por pessoas LGBTQIA+ nas aulas de educação física na educação básica e ensino superior, vamos utilizar os critérios da investigação qualitativa que, sugerem:

“Os métodos qualitativos produzem explicações contextuais para um pequeno número de casos, com uma ênfase no significado (mais do que na frequência) do fenômeno. O foco é centralizado no específico, no peculiar, almejando sempre a compreensão do fenômeno estudado, geralmente ligado a atitudes, crenças, motivações, sentimentos e pensamentos da população estudada. As técnicas qualitativas podem proporcionar uma oportunidade para as pessoas revelarem seus sentimentos (ou a complexidade e intensidade dos mesmos); o modo como falam de suas experiências é importante; a linguagem usada e as conexões realizadas revelam o mundo como é percebido por eles” (SPENCER, 1993 apud SOUZA, 2010).

Esse estudo utilizará a metodologia das Histórias de Vida. Minayo (2001), afirma que este método tem como objetivo a compreensão do cotidiano através de relatos de vivências passadas, retornando a acontecimentos vivenciados de forma retrospectiva, com a liberdade de um pensamento crítico da experiência. Já, Bueno (2002) descreve histórias de vida como os relatos sobre a vida de alguma pessoa, sendo narrados oralmente

por ela mesma. Enquanto Delory-Momberger (2006) caracteriza essa abordagem como estudos que procuram apropriação integral de suas próprias experiências pessoais, como parte da sua construção pessoal de trajetória, aparecendo por meio das narrativas e regresso às memórias.

4.3 COLABORADORES(AS)

O público-alvo deste estudo são estudantes de Licenciatura em Educação Física, no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Que se identificam como integrantes da Comunidade LGBTQIA+, podendo estar presente qualquer manifestação de identidade de gênero e/ou orientação sexual que essa comunidade abrange, e tiveram, em sua adolescência, aulas de Educação Física no Ensino Básico.

Os estudantes de licenciatura em educação física são o foco principal da pesquisa por querer propor estratégias pedagógicas que transformam e contornam a realidade de estigmas, preconceitos e discriminações de pessoas da comunidade LGBTQIA+.

4.4 ETAPAS DA PESQUISA

A divisão das fases da pesquisa se deu em seis (6) etapas, que serão constituídas de 1) Seleção e convite dos(as) licenciandos(as); 2) assinatura do termo livre esclarecido do presente trabalho; 3) realização da entrevista narrativa semiestruturada; 4) transcrição das entrevistas dos colaboradores(as) pelo autor; 5) análise das entrevistas, colocando os resultados das histórias de vida, ansiando atender fielmente aos objetivos, sejam eles gerais e específicos.

A disposição das etapas, separadas desta forma, se deu com o intuito de proporcionar ao leitor um melhor entendimento do próprio processo da pesquisa.

4.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A Coleta de Dados será realizada por meio de uma Entrevista Narrativa Semiestruturada (ANEXO A). De acordo com Lima, Almeida e Lima (1999) o(a) colaborador(a) tem a oportunidade de expressar suas experiências, por meio de um ponto principal proposto pelo entrevistador, permitindo a espontaneidade e liberdade nas respostas, também existe a possibilidade de conhecer os(as) colaboradores(as), de forma que as falas traduzem como eles(as) representam suas próprias vivências. Segundo Delory-Momberger (2006) as narrativas reúnem, ordenam e organizam os acontecimentos da existência de forma temática.

Para realizar as entrevistas, foram utilizados um roteiro de sete (7) perguntas, que foram subsídio para a entrevista apresentando pilares importantes do presente trabalho. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas, através do aparelho celular smartphone, da marca Samsung (modelo A51).

As gravações foram transcritas. Nascimento e Afonso (2013) descrevem a transcrição como um processo de conversa informal, como outras palavras e expressões apresentadas incorretamente, onde há falas interrompidas ou faladas mais de uma vez, tanto pelo entrevistador como pela qualidade da gravação, ainda com a presença de estrangeirismos e gírias.

Os colaboradores assinaram o Termo Livre e Esclarecido (ANEXO B) que é descrito como uma decisão que:

“[...] deve ser tomada por pessoa dotada de capacidade e autonomia, tendo, ainda, como critério de validade, a preexistência de processo informativo. Esta mesma decisão visa a aceitação ou não de tratamento específico ou participação em pesquisa de experimentação, devendo o participante estar ciente da natureza, objetivos, riscos e consequências decorrentes de sua aceitação.” (RODRIGUES FILHO, PRADO e PRUDENTE, 2014, p. 327)

Além de auxiliar no entendimento da pesquisa e o que ela está desenvolvendo, descreve da melhor forma para reduzir e/ou anular qualquer dúvida que possa surgir previamente, garantindo a segurança do(a) colaborador(a).

Os Codinomes utilizados para manter o anonimato dos(as) colaboradores(as) foram: 1) Dandara dos Santos⁴, 2) Matheusa Passareli⁵, 3) Gabriel Carvalho Garcia⁶, 4) Lindolfo Kosmaski⁷ e 5) Larissa Rodrigues⁸. Cada um desses nomes representa uma pessoa, da vida, real, que foi assassinada por LGBTQIA+fobia, com a justificativa da urgência de citar as pessoas mortas por crimes de ódio e, também, de não esquecer de tantos nomes de jovens que são mortos diariamente no Brasil por crimes como esse.

4.6 ANÁLISE DOS DADOS

A partir da coleta das entrevistas semiestruturadas e gravadas acerca da história de vida dos(as) colaboradores(as), o próximo passo para conseguirmos realizar a análise desses dados, será a transcrição fiel dessas entrevistas pelo aparelho celular utilizado no registro desse processo.

Em seguida, será operada uma leitura mais profunda do material das transcrições, confrontando com o referencial teórico presente nesta pesquisa, surgindo apontamentos e considerações mais pertinentes, resultado direto dessa conversa entre transcrição-referencial. Permitindo a interpretação dos resultados e respondendo, ou não, os questionamentos iniciais presentes nos objetivos desse documento. Será feita uma leitura precisa, com interpretação e confronto de todas essas informações com literaturas publicadas atualmente.

Uma pré-análise foi feita a fim de transformar a análise operacionais e sistematização das ideias para o processo de análise do conteúdo de forma aprofundada, utilizando definição de categorias (MOZZATO e GRZYBOVSKI, 2011). Para a realização da pré-análise, associei temáticas descritas pelos(as) Colaboradores(as) como

⁴ Dandara foi uma travesti foi assassinada com 42 anos. Dia 15 de fevereiro de 2017, sofreu chutes e golpes de pau de um grupo de pessoas até ser alvejada por tiros em Fortaleza, no bairro Bom Jardim. O caso recebeu comoção nacional pela barbaridade.

⁵ Matheusa Passareli, travesti, foi morta, no dia 29 de abril de 2018 por um traficante, quando tinha 21 anos, que deu dois tiros em nela e revela que, após o homicídio, o corpo foi esquartejado e queimado num tonel no alto da favela.

⁶ Gabriel Carvalho Garcia, homem gay de 22 anos, foi assassinado a tiros em uma barbearia, ocorrendo no mês do orgulho LGBTQIA+ onde gerou repercussão nas redes sociais por justiça.

⁷ Lindolfo Kosmaski era professor, gay e ativista que morreu com 25 anos em 2021, após uma briga por sua orientação sexual, onde teve o corpo carbonizado depois do ocorrido.

⁸ Larissa Rodrigues era uma mulher transexual cearense de 21 anos quando foi morta em maio de 2019, em São Paulo, a pauladas, principalmente na região da cabeça.

convergentes, divergentes e neutras com a temática que desenvolvi no tópico 5. Resultados e Discussão.

Quanto ao que diz respeito a análise, Mozzato e Grzybovski (2011), ainda, descrevem essa fase como um processo de esquematização das ideias, previamente elencadas na pré-análise, com uma decodificação desses assuntos de forma escrita, sempre retornando ao referencial teórico como base para a realização da análise.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor entendimento e disposição dos nossos achados, utilizamos quatro (4) categorias que foram organizados em: 1) Relação entre LGBTQIA+ e a Escola: Histórias de Vida, 2) Educação Física Escolar, Professores(as) e LGBTQIA+ nas aulas, 3) Graduação em Educação Física como potencializadora de debate sobre a Comunidade LGBTQIA+ e 4) Pensamentos pedagógicos possíveis de mudança da realidade enfrentada pela comunidade LGBTQIA+, agora no papel de professores(as) de educação física.

5.1 RELAÇÃO ENTRE LGBTQIA+ E A ESCOLA: HISTÓRIAS DE VIDA

Essa categoria tem com intuito abordar, de uma forma geral, cada relação entre a escola e os sujeitos da pesquisa, apontando como foram suas épocas de educação básica com um olhar crítico e reflexivo as falas, adotando uma visão externa de situações vivenciadas pelos(as) colaboradores(as).

Os entrevistados serão apresentados seguindo a mesma ordem da realização das entrevistas. Contemplando, principalmente, as histórias de vida dos Licenciandos(as), falando da colaboradora um (1) de codinome **Dandara dos Santos**, seguida da história da segunda colaboradora, **Matheusa Passareli**. Os colaboradores três (3) e quatro (4) vem logo em seguida, com seus codinomes **Gabriel Carvalho Garcia** e **Lindolfo Kosmalski**, respectivamente. Finalizando com a **Larissa Rodrigues**, nossa última entrevistada.

Importante salientar que as Histórias de Vida serão apresentadas de forma resumida, para conferir as falas na íntegra no (APÊNDICE B) apresenta a transcrição das entrevistas semiestruturadas.

5.1.1 DANDARA DOS SANTOS

No que diz respeito a primeira entrevistada ela se chama Dandara, tem 21 anos e se identifica como uma mulher cis lésbica. Passou por diversas escolas, desde a creche

até uma escola particular de bairro, uma pública e uma de tempo integral profissionalizante, onde fez sua educação básica inteira.

Desde que ela era mais nova, já podia perceber uma atração por uma amiga do seu grupo de amigas, apesar de apresentar um caráter inocente, por ela ainda ser uma criança, hoje Dandara compreende isso como uma atração, antes mesmo de se entender como uma mulher lésbica. Isso durante no Ensino Fundamental 1, no seu 3º ano. Quando se mudou para a escola particular do seu bairro, agora um pouco mais velha, começou a fase dos namoros da escola, onde ela beijou pela primeira vez, um menino.

Apesar de descrever a relação com a escola como “tranquila” (Página 1, linha 23), podemos observar algumas questões ligadas à família e a falas com o teor LGBTQIA+fóbicos, como influência importante na tomada de decisão dentro da escola.

“A escola era meio religiosa também, então a coordenação, a direção tinha um olhar diferente. Eu negava, morria negando, qualquer coisa, porque enfim, questão dos meus pais.” (Página 2, Linha 37-39).

“Porque eles começaram a me ver, como: ‘Ah, A Dandara é lésbica!’. E como era uma escola de bairro pequena, particular, eu era ‘A menina lésbica’ da escola.” (Página 2, Linha 32-34).

Por apresentar pessoas da Comunidade LGBTQIA+ no seu ciclo de amigos(as), Dandara pode conviver com as questões ligadas a sua sexualidade como algo, nas suas palavras, mais tranquilo. Com a mudança de escola, saindo as particular e indo para a pública e depois para a profissionalizante de tempo integral, pode ficar ainda mais calma com relação a sua sexualidade, embora existissem constantes comentário acerca da sua forma de agir ou de se portar, sempre sendo lembrada da sua orientação com teor cômico ou de depreciação.

5.1.2 MATHEUSA PASSARELI

Matheusa Passareli, nossa segunda colaborada, tem 21 anos e se identifica como uma mulher cis bissexual. Dentro da passagem na educação básica, foi vivenciado duas realidades distintas entre si em sua passagem por duas escolas, uma escola no seu bairro José Walter, onde ficou do começo até o 9º ano do Ensino Fundamental, e a escola SESI Senai.

Na primeira parte de sua escolarização, Matheusa descreve a escola como um espaço onde as pessoas precisavam ser basicamente iguais, sendo esse igual o branco de cabelo liso, podendo até ser negro, mas com o cabelo liso. O que dificultou muito a relação consigo mesma, uma vez que ela é uma pessoa com o cabelo cacheado, fazendo ela ir constantemente com o cabelo preso para a escola. No momento em que ela se permitiu soltar o cabelo para ir à aula, recebeu o comentário perguntando o porquê de ela vir com o cabelo desse jeito.

Quando mudou de escola, no final da sua educação básica, ela pode vivenciar uma escola mais diversa, onde a diversidade era presente nas identidades sociais. Foi um momento em que se libertou de várias questões vindas a antiga escola, conseguiu passar pela transição capilar e, também, se assumiu por ser bem mais tranquilo com relação é esse assunto. Essa escola sempre propôs debates sobre questões etno-raciais, o momento em que pela foi mais ativa nas atividades escolares.

As questões raciais, experienciadas na escola, para a Matheusa, são as questões que mais marcaram a sua trajetória como estudante

“[...] sempre fui muito ativa nessa questão de debater em relação a cotas, a posição de pessoas negras também, não porque eu me considere negra, eu me considero parda, mas por ter sofrido preconceito por ter um cabelo cacheado, eu meio que entro nessa causa do racismo mesmo.” (Página 8, Linha 8-11)

5.1.3 GABRIEL CARVALHO GARCIA

O terceiro entrevistado recebeu o codinome de Gabriel Carvalho Garcia, com 21 anos, se apresenta como um homem cis gay. Sua caminhada na escola foi bem detalhada e sempre abordou algum assunto que emergiu ligados às questões de gênero e sexualidade.

Durante seu Ensino Fundamental I, Gabriel descreve como o momento mais tranquilo de sua passagem pela escola, um momento em que não existia grandes diferenças entre meninos e meninas, e nem uma separação entre eles, podendo conviver sem muitas distinções. Chegando perto no fim do nível de ensino, ele descreve as primeiras questões de divergência com relação a se sentir diferente.

“Eu comecei a me afastar mais dos meninos porque eles falavam de coisas que em sua maioria, como carros, futebol, corrida, não me interessavam tanto. E as meninas também falavam de coisas que não eram o interesse do meu universo. Eu fiquei um pouco em cima do muro durante esse tempo.” (Página 10, Linhas 21-23).

Gabriel descreve o seu 6º ano do Ensino Fundamental 2 como o pior ano da escola, por apresentar todas as questões de não representar um menino dito socialmente como “normal”, junto com o início da adolescência e questões de sexualidade aflorando. Tentou, por vezes, fingir ser algo que não é, mas percebeu que não podia se encaixar em um padrão. Foi o momento em que ouviu muitas piadas, também relacionadas ao seu peso.

O seu 7º e 8º ano foram anos neutros, mudou de escola e passou a tentar se esconder para não ser julgado, ninguém comentava sobre sua sexualidade porque ninguém sabia, uma vez que ele não comentava e não se abria muito. Quando chegou no ensino médio, mudou de escola novamente, agora com mais entendimento sobre si mesmo, compreender sua sexualidade sem se questionar mais sobre ela, mas ainda não apresentando coragem para se assumir.

No seu terceiro ano, mudou para uma escola estadual, onde viu meninos e meninas se beijando, e compreendeu que estava tudo bem ser quem ele era. Assumiu-se para suas amigas e fez um grupo de amigos, onde quase todos eram da Comunidade LGBTQIA+. Permitiu-se vivenciar alguns romances, apesar de toda repressão vivida no passado.

5.1.4 LINDOLFO KOSMASKI

Lindolfo Kosmaski, nosso quarto entrevistado, tem 24 anos, identificando-se como um homem cis bissexual. Apresenta uma relação complexa com a sua educação básica, por representar uma identidade que foi estereotipada e alvo de violências na escola.

Por ser filho de professora, tinha muita pressão para ser um menino certinho, que não briga com ninguém e tira notas boas, bem estudioso. Apresentava medo quando pensava em ser levado para a direção, por vir de toda essa expectativa familiar. Aconteceu um momento em que colegas começaram a xingarem uns aos outros e Lindolfo acabou também sendo alvo, o que desencadeou em ir para a sala da direção por ter recebido

ofensas, que posteriormente recebeu ameaças dos meninos que o ofenderam por denunciar, apesar de não ter sido ele a comunicar do ocorrido a gestão da escola.

“[...] os meninos disseram: “Ah, foi tu que foi falar, foi tu que denunciar, a gente pega depois” e depois eu fui ver que estavam mexendo na minha bicicleta, foram tentar furar o pneu, tentar tirar o pito pra secar o pneu da minha bicicleta [...]” (Página 16, Linhas 29-31)

Dessa forma, Lindolfo nunca se sentiu a vontade de falar sobre sua sexualidade, principalmente com a família, por medo de algo de ruim acontecer caso se assumisse. Já era constantemente chamado de “Viado⁹”, de maneira pejorativa, que não queria mais motivos para esses comentários.

5.1.5 LARISSA RODRIGUES

Nossa última entrevistada tem o codinome de Larissa Rodrigues de 20 anos, se apresentando como uma mulher cis lésbica. Estudou durante toda a vida em uma mesma escola: O Colégio da Polícia.

Dois fatores faziam com que ela não se sentisse à vontade em falar da sexualidade dela, o primeiro é a família, que por apresentar um caráter militar, sempre a educou com disciplina e regras, ocasionando em a colocar no Colégio da Polícia para continuar com a educação que ela vê em sua casa.

“Já pelas questões militares a gente acaba vivendo mais numa fórmula que é criada dentro do colégio. Então, por causa também da minha família ser militar, eu já fui acostumada com regras, normas e tudo e me moldar aquilo dali.” (Página 19, Linha 23-25).

O segundo motivo é que, por apresentar todas essas questões no Colégio, ser diferente ou não era permitido ou era motivo de destaque e assunto na instituição inteira. Por não permitir uma liberdade de expressão nem de orientação sexual, fugir do padrão social gerava rotulações para a semana toda nos corredores.

“Colegas, todo mundo lá era mais dentro do padrão, quando tinha alguém mais diferente, era o suficiente para todo o colégio conhecer, porque aquela pessoa se destacava.” (Página 19, Linhas 27-29).

⁹ Forma pejorativa de se referir a um homem, cis ou trans, com signos sociais associadas ao feminino. Não existe obrigatoriedade de ser homossexual, apesar de apresentarem a maioria dos casos, há uma tendência a querer diminuir outra pessoa por uma característica intrínseca ao sujeito.

Por esses motivos, Larissa não se sentia confortável em apresentar a sua identidade, tanto com receio da família como por medo de virar assunto no Colégio inteiro. Como ela estudou durante toda a sua vida lá, só se permitiu ser quem era depois do ensino médio, na graduação.

5.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PROFESSORES(AS) E LGBTQIA+ NAS AULAS

O subcapítulo em questão vai ter um foco na relação que a comunidade LGBTQIA+ tem com as aulas de educação física na escola, adotando as situações relatadas pelos(as) colaboradores(as) para um embasamento das experiências que a comunidade tem nessas aulas, elencando, ainda, como os(as) professores(as) aparecem na educação física escolar quando existem situações emergentes.

De forma introdutória, no que diz respeito as aulas de educação física na escola, todos(as) os(as) participantes citaram questões relacionadas a gênero e sexualidade em suas falas. Apesar da unanimidade da temática nas respostas dos(as) colaboradores(as) a abordagem dos(as) professores(as) não foram diferentes com o que diz respeito ser omissos ou perpetuar separações de gênero, durante suas aulas.

No subtópico 3.3 Educação Física Escolar: Obrigatoriedade e Cultura, Nunes e Ramos (2008) reiteram a escola como reprodutora de diversos tons de desigualdades pela diferença de sujeitos e, dessa maneira, foi observados diferentes camadas de estigmas, preconceitos e discriminações enfrentados pelos(as) entrevistados(as), tendo, assim, observados questões de: Gordofobia, por Lindolfo e Gabriel, Racismo, por Matheusa e LGBTQIA+fobia, por Dandara dos Santos, Larissa, Lindolfo e Gabriel.

A entrevistada Matheusa e Larissa, foram as únicas que não apresentaram questões de sexualidade ligadas a educação física escolar, abordando, somente questões de gênero, principalmente com relação a separação de atividades entre meninos e meninas nas aulas. “[...] de que é o futebol, na educação física, são voltadas para os meninos, não tem tanto espaço assim para gente, acho que eu nunca tive aula de dança, nem de ginástica [...]” (Matheusa Página 8, Linha 19-21); “Muita gente fala que eu sou mais homem que

muito homem. Então isso quando criança, as pessoas têm uma expressão de mim, de que eu era um menino.” (Larissa, Página 20, Linhas 22-24).

Do Prado, Altmann e Ribeiro (2016) corroboram desenvolvendo as questões de gênero e divisão entre meninos e meninas nas aulas de educação física como uma segregação por atributos biológicos, interpretados, culturalmente, como opostos.

Os outros participantes da pesquisa abordaram questões de sexualidade com um foco maior do que as relações de gênero, mas, ainda assim, tendo questões de gênero presentes em suas falas, como: “[...] passei a aula inteira ouvindo piada do começo ao fim, nomes que eu não me lembro, mas eu lembro da cena, por certeza que era tipo marica, baitola, boiola, entre outros pejorativos [...]” (Gabriel, Página 12, Linha 16-18); . “E eu nem sentia vontade de jogar, porque quando falavam futsal, ficavam comentando, tipo: “A Dandara é joga porque ela é sapatão”, sendo que elas sabiam que eu nem jogo.” (Dandara, Página 2, Linha 46-47).

Assim, é possível observar questões relacionadas a estigma, preconceitos e/ou discriminações citadas por todos os participantes da entrevista, como citado no subtópico 3.1 Estigma, Preconceito e Discriminação, assim como cita Monteiro e Villela (2013), a discriminação como prática e/ou ação. Reiterando, ainda, situações que foram retratadas por falas de ocorridos discriminatórios na escola, seja por chamarem Dandara de ‘Lésbica’ e Lindolfo de ‘Viado’, com um cunho pejorativo, até por acusações sérias nos banheiros, como comentado por Larissa e Dandara.

Lindolfo aponta uma questão importante de destacar sobre as comparações constantes que os(as) alunos(as) recebem quando são estão praticando alguma prática corporal, mesmo que, na cabeça desses professores, comparações possam ser um meio de incentivo, mas quando falamos de Comunidade LGBTQIA+ essas situações passam a ser mais pessoais e dolorosas, como a pessoal que você é não fosse suficiente. Lindolfo diz: “E do professor muitas vezes, falava: “Bora Lindolfo, vamos com os meninos, vamos, corre mais, bora, tem que fazer também, tem que estar que nem eles”. (Página 15, Linhas 46-47).

A omissão recebeu comentários importantes dos(as) participantes. Para Dandara e Gabriel, a omissão era algo que acontecia com professores e, também com a gestão da escola. “Os professores viam, o professor de educação física via, mas não faziam nada.

Mesmo quando no final do sexto ano eu levei a situação para a direção, para ver se alguma coisa mudava, nada aconteceu.” (Gabriel, Página 12, Linha 34-37); “Eu acho que o que me incomodou mais foi o silêncio dos professores, a omissão.” (Dandara, Página 5, Linhas 10-11).

Indo contrária a ideia de omissão dos professores comentados anteriormente, temos que:

“A categoria ‘gênero’ não deve ser sinônimo de impossibilidade, e que muitas das ‘diferenças’ percebidas durante a prática de alguma atividade corporal são construídas por processos de significação cultural, que acabam por produzir desigualdades.” (DO PRADO, ALTMANN E RIBEIRO, pag. 73, 2016).

Reis, Harrad e Kosciw (2015) abordaram, durante o referencial teórico, a estatística de 60% dos(as) alunos(as) LGBTQIA+ não se sentirem seguros na escola ou que esses estudantes têm duas vezes mais probabilidade de faltar a escola por níveis de agressão, o que se tornou verídico quando 4 dos 5 entrevistados apontarem a não segurança em se assumir em algum momento da escola e, até, durante o período inteiro, ou quando Matheusa fala sobre esquecer o fardamento, de propósito, para não ficar na aula.

Em suma, existem uma complexa questão envolvendo a educação física escolar e a comunidade LGBTQIA+, como uma exposição de corpos constante, as aulas são momentos em que situações sociais são muito abordadas, seja pela divisão de meninos e meninas nas atividades, seja por LGBTQIA+fobia.

5.3 TEMÁTICA LGBTQIA+ E GRADUAÇÃO: REPRESENTATIVIDADE, DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO

Nesse capítulo apresentaremos a continuação da análise do conteúdo das entrevistas (APÊNDICE B), com um foco nas abordagens que a graduação tem as temáticas sociais, sobretudo para o gênero e a sexualidade, demonstrando como a representatividade importa nesses ambientes, além da divulgação e produção de materiais que aborem essas temáticas.

Quando abordamos questões da comunidade LGBTQIA+ nos ambientes que convivemos, situações como a falta de reconhecimento no próximo pode vir a acontecer,

pela falta de representatividade e espaço de fala em determinados ambientes. Dessa forma, é interessante apontar que 3 dos 5 entrevistados(as) apontaram o Professor Dr. Marcos Campos, do Instituto de Educação Física e Esportes, da UFC, como um nome de referência e representatividade nas suas graduações:

“[...] Dança e Formação Rítmica com o professor Marcos. Nessas disciplinas, ele sempre teve um olhar mais cuidadoso com a comunidade LGBT. Ele sempre, de uma forma ou de outra, abordava pautas temáticas e eu acho que também ter um professor gay, que abriu portas, abriu muito para dizer se ele está lá, se ele está lá brilhando, também pode brilhar lá também. Foi uma inspiração, um símbolo de orgulho. Marcos, enfim, maravilhoso.” (Gabriel, Página 13, Linhas 29-34).

“Dentro do curso, a pessoa que me dá mais base em relação a homofobia e tudo é o Professor Marcos Campos, querendo ou não ele funciona como uma inspiração dentro do curso até mesmo porque ele é assumido, ele tá aqui, ele não muda o jeito dele, ele interage com a gente, eu costumo dizer que só gosto do Marcos Campos as pessoas que são parecidas com ele [...]” (Larissa, Página 22, Linhas 9-13).

“[...] quando eu conheci, por exemplo, o Professor Marcos Campos, num lugar de poder dentro da universidade, eu disse “Cara ca, é possível um professor LGBTQIA+, ter um cargo de destaque, ser respeitado, não ser desprezado pelos outros” eu achei fantástico, tanto que a primeira vez que conheci o Marcos Campos, e descobri sobre ele, sobre o seu esposo e tudo mais, eu fiquei, caraca, é possível, tem como, e todo mundo gosta do Marcos, respeita o Marcos, e sabe da família do Marcos, e convivem bem, sem preconceitos, sem piadinhas, até onde eu sei [...]” (Lindolfo, Página 17, Linhas 31-37).

As falas com relação ao Professor Marcos, partem de um lugar tão sensível e tão especial para esses licenciandos que mostra a importância e existir espaços ocupados por pessoas LGBTQIA+ em destaque e poder, principalmente dentro de uma graduação. Dessa forma, Mattos e Cé (2018) reiteram da importância da representatividade como forma de identificação e pertencimento, principalmente de minorias sociais que, por grande parte das vezes, não são representadas.

Louro (1999) quando aborda a sexualidade como uma identidade social, como trazido no subtópico 3.2 Comunidade LGBTQIA+: Silha, Identidade e Movimento Social, dessa forma, tudo que tange a sociedade resulta na identidade do sujeito nessa sociedade. Falando acerca de representatividade em ambientes pertencentes, também, a comunidade LGBTQIA+, apesar de por muitos anos esses pertencimento era inexistente, contempla uma situação característica na formação do indivíduo: me sinto acolhido, logo posso ser quem quer quiser ser, sem restrições.

Assim, ambientes como não apresentam um grau de pertencimento para jovens LGBTQIA+ em formação, como apresentados nos discursos de Larissa e Lindolfo.

Todavia, a universidade, com a representação que um professor gay engloba, adotar a sua identidade em receios ou dúvidas torna-se algo possível, como também observado nas falas dos estudantes.

A representatividade é importante, também, entre os estudantes da UFC, Lindolfo fala: “esses encontros, ou projetos com trocas de experiências, né, com trocas corporais, me fizeram conhecer mais essa realidade, que eu só tinha escutado de longe, não sabia que existia assim, né, como era de fato.” (Página 18, Linhas 6-8).

Em seguida, algo importante de salientar, é a baixa divulgação ou nenhuma divulgação de momentos que apresentam palestras, rodas de conversa ou mesas redondas falando sobre a temática LGBTQIA+ dentro da graduação que não chegam aos(as) alunos(as). Muitas vezes, eventos acontecem e passam despercebidos por não existir essa divulgação. Divulgações essas comentadas em: “[...] acho que não participei de palestras, não sei se talvez a própria culpa minha, deva ter mais coisas, mas não tão acessível e não que tenha chegado a mim.” (Matheusa, Página 9, Linhas 25-26).

Algo comentado pela maioria dos(as) participantes, com exceção da Larissa, foi a produção de trabalhos dentro da universidade acerca da temática de gênero e sexualidade na graduação. Demonstrando, assim, que os estudantes da comunidade têm um interesse em estudar sobre suas próprias realidades.

Para finalizar, Larissa levanta um ponto a ser discutido: “O que tem, para mim, é homofobia dentro do curso, isso eu sei que tem, isso eu sei que tem descarada por alguns professores, dá pra gente notar” (Página 22, Linhas 17-19). Contemplando ainda uma inversão do que foi falado, enquanto existe representatividade de um professor na graduação pode, também, existir situações de discriminação e preconceito por parte de outros docentes, que são refletidos tanto na sua prática pedagógica como nas suas falas.

5.4. ENFRENTAMENTO PEDAGÓGICO PELA COMUNIDADE LGBTQIA+ E MUDANÇA DA REALIDADE, AGORA NO LUGAR DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Esse subcapítulo tem como objetivo abordar os anseios de licenciandos(as) que participaram da entrevista, olhando para o futuro e imaginando como mudar a realidade

enfrentadas por eles(as) na educação básica em uma nova perspectiva, agora como professores(as) de educação física. Esse tópico parte da busca por mudanças significativas para a comunidade LGBTQIA+ na educação física escolar, com projeções, estratégias e métodos para enfrentar essas situações na escola.

Matheusa procura que seus alunos(as) “sejam críticos e reflexivos, que não sejam pessoas de cabecinha fechada, que não sejam preconceituosos em nenhuma quadra dividida entre meninos e mulheres.” (Página 10, Linhas 2-4). Já Gabriel aborda que pretende ser um professor “[...] que a grande mudança vai ser que eu não vou passar pano, não vou ser omissos, como foram omissos comigo [...]” (Página 14, Linhas 27-28).

Para Larissa, o objetivo do professor deve ser:

“O professor deve dar a formação básica, ele está lá justamente para ajudar na construção do indivíduo. Não só de termos físicos, mas também em aspectos sociais, de interagir com o ambiente. Então é isso, na minha cabeça é isso. É o que eu faria.” (Página 23, Linhas 44-49).

Dandara reitera a importância de conhecer os(as) estudantes quando desenvolver que “Eu acho que para fazer essa investigação, primeiro o professor, como professor, vai ter que conhecer os meus alunos, e aí conversar com eles após a investigação e atrás de soluções.” (Páginas 6, Linhas 22-24). Já Lindolfo aborda que poderia “[...] abrir espaço pro menino que provavelmente iria sofrer uma chacota, barrar a chacota do que ia causar a chacota, ainda levou todo mundo em discussão coletiva de algo tão simples que é problematizado muitas vezes [...]” (Páginas 19, Linhas 7-9).

Utilizando essas falas, gostaria de corroborar que prática pedagógica não tem uma fórmula fixa, que precisa ser seguida à risca sem erros, mas é um processo, tanto individual como colaborativo de construção. Assim, Franco (2016) desenvolve que para ter prática pedagógica é necessário intencionalidade pedagógica, incorporando uma reflexão contínua e coletiva, observando se a intencionalidade aborda a todos. A forma que você vai construir esse processo vem de vários fatores: tanto as experiências pessoais, como inspirações profissionais ou tentativa e erro.

Trazendo, como possibilidade, para o desenvolvimento comentado tanto de mudança das realidades enfrentadas nas histórias de vida como uma metodologia pedagógica social, existe a educação física escolar a luz da Justiça Social (VENÂNCIO, et al. 2021), contemplada no subtópico 3.3 Educação Física Escolar: Obrigatoriedade e

Cultura do referencial teórico, como uma alternativa de desenvolvimento de uma educação física social, cultural e política na escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha dedicação e abordagem da temática se justifica pela escassez de estudos sobre as histórias de vidas de estudantes LGBTQIA+, sobretudo associadas à educação física na escola, sua relação com o corpo e (r)existir. Notamos uma dificuldade em ter acesso a estudos acerca da comunidade LGBTQIA+ relacionadas à educação física escolar, sendo ou contemplados de forma geral, sem especificamente desenvolver essa temática de maneira aprofundada, ou encontrados em literaturas separadas, possível uma associação durante correlação durante o texto. Observando esse cenário, procuramos fortificar as possibilidades de analisar as histórias de vida de alunos(as) LGBTQIA+ na educação básica, com um foco na educação física escolar e a sua imersão no corpo de sujeitos.

Dessa forma, por meio de relatos durante a escuta ativa de histórias de vida, foi possível observar a poder que o instrumento tem, compreendendo as vivências como possibilidade de análise da realidade do ser humano, por meio de uma descrição de acontecimentos cotidianos, para poder (re)significá-los com um olhar crítico.

Conhecemos, durante o trabalho, cinco incríveis histórias de vida de licenciandos em educação física, da comunidade LGBTQIA+, sendo algo importante de se comentado como engrandecedor no processo de escrita desse trabalho.

Identificamos, como uma questão emergente, a relação da escola com situações contendo estigma, preconceito e/ou discriminação, com relação à comunidade LGBTQIA+, abordando, assim, a urgência em abordar e ofertar locais onde a voz protagonista é por de quem sofre com essas ocorrências.

Entendemos, também, que na educação física escolar existe uma exposição do corpo imensa, seja por vestimentas, seja por meio de movimentações. Quando nossos corpos estão expostos dessa maneira, temáticas que, por muitas vezes, não queremos expor, são evidenciadas. Compreendendo isso, o olhar sensível para as vivências descritas nas histórias de vida foi essencial para observar o passado, pensar no presente para poder mudar o futuro.

Foi observado questões de gênero e sexualidade atreladas a todos os relatos e falando, sempre, de um lugar muito sensível das suas histórias. Relembrar, por muitas

vezes, pode ser muito doloroso, mas a importância de não deixar de falar de nossas próprias histórias, como forma tanto de pertencimento de como demonstrar a relevância que temos para a ciência e sociedade.

Algo importante apontar é a falta de liberdade de expressão alguma situação para a gestão escolar e docentes da escola. Foi apontado por todos os colaboradores um constante medo da denúncia para os responsáveis da escola por observar que: eles não se importavam, eles eram omissos, fingindo que não viam as ocorrências, ou não tomavam nenhuma medida quando era denunciado.

Esse estudo teve como objetivo, pensar em possibilidades pedagógicas de mudança da realidade, através da docência. Muitos dos descritos sobre os anseios de um futuro próximo vem de como os(as) licenciandos(as) querem modificar a realidade experienciadas nos seus passados, contemplando uma prática pedagógica com intencionalidade de cotidianamente não serem omissos e desenvolver as temáticas relevantes na sala de aula ou na quadra.

Concluo esse trabalho com o sentimento de cumprimento do meu objetivo com essa pesquisa, por representar tudo aquilo que sou e me sentir representado nesses documentos, contribuindo para as produções da educação física escolar, com o olhar sensível para a justiça social.

Por fim, considero que o desenvolvimento de pesquisas relacionadas a comunidade LGBTQIA+ relacionadas com a educação física escolar são de suma importância para o(a) aluno(a), oportunizando literaturas representativas e pertencentes, assim como para o(a) professor(a) em formação, seja ela inicial ou continuada, para reverberar o lugar de mudança de paradigmas sociais com as aulas de educação física, sem reprodução de estigmas, preconceitos e discriminações.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia, WASELFISZ, Júlio Jacobo. Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam? Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 33-41, 2008.

BEERBAUM, A. V., DE VARGAS, R. S., BOFF, E. T. D. O., WISNIEWSKI, R. R. O ambiente escolar como supressor de identidades. *Salão do Conhecimento*, 6(6). 2020.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF. (1997).

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e pesquisa*, v. 28, p. 11-30, 2002.

CEARÁ. Secretária da Educação do Estado do Ceará. Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental / Secretária da Educação do Estado do Ceará. - Fortaleza: SEDUC, 2019.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 2, n. 02, 27 nov. 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. In: *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, V. 32, No. 02 – maio/agosto, 2006, p. 359-370.

DO PRADO, Vagner Matias; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Conduas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero. *Currículo sem fronteiras*, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016.

DORNELLES, Priscila Gomes. Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 32, p. 187-198, 2012.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 97, p. 534-551, 2016.

FLOR, B. J. M. S.; SILVA, I. C. C.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Lugar de fala e escuta sensível como saberes necessários à prática docência. In: **ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS**, 2021, Fortaleza. **XIV Encontro de Práticas Docentes**. Fortaleza: Eu2020/Ufc, 2021. p. 2.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142**, 1999.

LOURO, Guacira Lopes et al. Pedagogias da sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, v. 2, 1999.

MARCELINO, Fellipe Rocha; SANTOS, Letícia Eunice Leotti. Se essa escola fosse minha. 2017. 35 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MATTOS, Isabela; CÉ, Otavia. Identificação e representatividade: Um estudo de caso sobre o vídeo “Opinião sobre Pablo Vittar”. In: Congresso De Ciências Da comunicação Na Região Sul. 2018. p. 1-14.

MATTOS, M. G.; ROSSETO JR, A. J.; BLECHER, S. Metodologia da Pesquisa em Educação Física: construindo sua monografia, artigos e projetos. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2017. 392 p.

MELO, Talita Graziela Reis; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. Identidade de gênero e orientação sexual: perspectivas literárias. *Temas em Saúde*. V. 18, N. 3 ISSN 2447-2131. P. 381 a 404. João Pessoa, 2018.

MENEZES, Aline Beckmann; BRITO, Regina Célia Souza; HENRIQUES, Alda Loureiro. Relação entre gênero e orientação sexual a partir da perspectiva evolucionista. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 245-252, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, Simone; VILLELA, Wilza. **Estigma e saúde**. Editora Fiocruz, 2013.

MORAIS, Lidiane; OLIVEIRA, Regiane; FECHIO, Juliane. A Homossexualidade e o Bullying na Educação Física Escolar. 2011. Disponível em: A homossexualidade e o bullying na Educação Física Escolar. Acesso em: 02 abr. 2021.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, p. 731-747, 2011.

NASCIMENTO, D. E.; AFONSO, D. E. M. da R. A participação masculina na dança clássica: Do preconceito aos palcos da vida. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Catarina, v. 21, n. 1, p.219-236, jan/2013.

PINHEIRO, Silvia Silva Martins; GUIMARÃES, Karoline Claudino. O desgoverno Bolsonaro e o novo coronavírus: uma análise preliminar sobre o impacto social dessa combinação no Brasil. *Revista Serviço Social em Perspectiva*, v. 5, n. 1, p. 32-50, 2021.

REIS, Toni; HARRAD, David; KOSCIW, Joseph. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

RODRIGUES FILHO, Eurípedes; PRADO, Mauro Machado do; PRUDENTE, Cejane Oliveira Martins. Compreensão e legibilidade do termo de consentimento livre e esclarecido em pesquisas clínicas. **Revista Bioética**, v. 22, p. 325-336, 2014.

SANCHES, Danielle; CONTARATO, Andressa; AZEVEDO, Ana L. Dados públicos sobre violência homofóbica no Brasil: 29 anos de combate ao preconceito. 2019. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/dados-publicos-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-29-anos-de-combate-ao-preconceito/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SILVA, Gabriele. Qual o significado da sigla LGBTQIA+? 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SILVA, I. C. C.; FLOR, B. J. M. S.; SANCHES NETO, L.; VENÂNCIO, L. Racismo nas relações entre os professores e com os alunos. In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS, 2021, Fortaleza. XIV Encontro de Práticas Docentes. Fortaleza: Eu2020/UFC, 2021. p. 3.

NUNES, E.; RAMOS, P. K. Homossexualidade Humana: Estudos na área da Biologia e da Psicologia. Revista Acadêmica Digital do Grupo POLIS Educacional. Ano 04, n.05, 2008.

Santos, S. A. D., Cavalleiro, E., Barbosa, M. I. D. S., & Ribeiro, M. Ações afirmativas: polêmicas e possibilidades sobre igualdade racial e o papel do estado. Revista Estudos Feministas, 16, 913-929. 2008.

SANTOS, C. et al. Diversidade sexual na escola e a homofobia: a capacitação de professores como estratégia de intervenção. Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, p.1-5, 2008.

SANTOS, F. N. dos; SÁ NETO, F. P. ; VENÂNCIO, L. .; SANCHES NETO, L. Possibilidades de intervenção e de avaliação em Educação Física Escolar no ensino remoto: parceria colaborativa por meio do PIBID. Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional, [S. l.], v. 2, n. 3, p. e021022, 2021. DOI: 10.51281/impa.e021022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/6698>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SOUZA, A. G.; FREIRE, E. S. Planejamento participativo e Educação Física: envolvimento e opinião dos alunos do Ensino Médio. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v.7, n.3, pp. 29-36, 2008.

VENÂNCIO, L., BRUNO, B. D., SILVA, I. C. de C., FLOR, B. J. M. S. de, GONÇALVES, Y., & SANCHES NETO, L. Temas e desafios (auto)formativos para professoras de educação física à luz da didática e da justiça social. *Cenas Educacionais*, 4, e10778. 2021.

VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 791-806, 2015.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado por Francisco Pereira Sá Neto como participante da pesquisa intitulada **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LGBTQIA+: HISTÓRIAS DE VIDA DE LICENCIANDOS (AS) DURANTE A EDUCAÇÃO BÁSICA**. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Prezado(a),

A pesquisa tem como objetivo Identificar estigmas, preconceitos e discriminações vivenciados na educação básica, por meio das histórias de vida de licenciandos(as) LGBTQIA+ em Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Seus direitos de privacidade e de imagens serão totalmente respeitados, o seu nome será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número. A pesquisa se dará sob a orientação do professor doutor Marcos Antônio Almeida Campos, que possui conhecimento e competência na área de pesquisa. Entretanto, preciso do seu consentimento para que possa, posteriormente, publicar os dados desta investigação em artigos ou apresentá-las em reuniões científicas. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração que segue abaixo

Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Francisco Pereira Sá Neto
(ORIENTANDO)

Prof. Dr. Marcos Antônio Almeida Campos
(ORIENTADOR)

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Contato: Francisco Pereira Sá Neto, (85) 9 9964-7396

Endereço: franciscopereirasaa@gmail.com

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/
CPF _____, declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LGBTQIA+: HISTÓRIAS DE VIDA DE LICENCIANDOS (AS) DURANTE A EDUCAÇÃO BÁSICA** do acadêmico Francisco Pereira Sá Neto e do Prof. Dr. Marcos Antônio Almeida Campos e, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas respostas, sejam elas favoráveis ou não, na forma de artigos e/ ou em reuniões científicas.

Fortaleza, de de 2022

Assinatura: _____

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Dados pessoais: Nome, idade, semestre da licenciatura, identidade de gênero e orientação sexual.

- 01) Descreva como foram as vivências/experiências na educação básica, resgatando essas memórias, fotos e acontecimentos da época da escola.
- 02) Você já foi vítima de Estigma/Preconceito/Discriminação nas aulas de Educação Física na escola como estudante na educação básica?
- 03) Descreva como ocorreu essa(s) situação(ões).
- 04) Você, amigo (as), professores(as) e/ou gestores(as) fez/fizeram algo para reverter essa(s) situação(ões)?
- 05) Essa (s) situação(ões) modificou/ modificaram as suas relações com a Educação Física na Escola?
- 06) Durante a sua Licenciatura em Educação Física, teve algum contato com questões relacionadas a comunidade LGBTQIA+ em cursos, disciplinas, projetos de extensão, entre outros?
- 07) Você, como futuro professor (a) de Educação Física, propõe alguma situação/intervenção para modificar a realidade que você viveu?

APÊNDICE B – (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS DOS SUJEITOS 1, 2, 3 4 e 5).

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SUJEITO 1 (DATA 15/09/2022 HORÁRIO: 16H) CODINOME: Dandara dos Santos.

ENTREVISTADOR (E): Bom, eu queria saber primeiro o seu nome e a sua idade. Nome completo? Qual semestre da licenciatura você está? Gostaria de saber qual a sua identidade de gênero, entre cis, trans. Queria saber a sua orientação sexual.

SUJEITO 1 (S1): Meu nome é Dandara dos Santos, 21 anos. Oitavo semestre. Mulher Cis. Lésbica.

(E): A primeira pergunta vai ser assim: Como foi a sua trajetória na escola durante a educação básica? Nesse momento você vai buscar várias memórias, fatos, acontecimentos que aconteceram durante toda a sua trajetória. O máximo que você lembrar quais escolas você passou, como foi, como foram os seus amigos, você vai falar a vontade nesse momento.

(S1): Durante a educação básica eu passei por algumas escolas, eu lembro que passei pela creche, depois eu fui para uma escola de bairro que era particular. Fiquei lá só até o segundo ano do Fundamental I. O terceiro e o quarto ano eu fiz em uma escola pública. Se tiver algum relato já pode falar?

(E): Pode, se você quiser falar.

(S1): E aí foi quando aconteceu algumas primeiras, eu era muito nova, mas aconteceu algumas primeiras vivências. Eu tinha um grupinho de amigas que era muito grande, eram quase umas dez meninas. E eu lembro que eu sentia atração, não era uma atração inocente, porque eu era criança, estava no terceiro ano do Fundamental. E elas por um período se afastaram de mim, ficaram me chamando e disseram: “Dandara, tu é lésbica?”. Eu nem sabia o que era lésbica, porque eu era muito nova, não sabia nem o que era isso. Do quinto ao oitavo ano eu fiz em outra particular de bairro. E quando eu estava ali no sétimo, oitavo ano, já começou a ter os primeiros namorinhos. A minha relação com a escola de uma maneira geral, com os alunos, era boa, era tranquila. Não tinha pessoas que eu não gostasse, ou questões de *bullying*, essas coisas. Não com relação à sexualidade, tinha mais com relação a peso. Teve um período que eu engordei bastante. E teve um momento também nessa época, acho que foi no sétimo ano, que eu perdi do meu primeiro beijo com o menino. Não foi da escola, mas teve as férias escolares, eu tinha dado o meu primeiro beijo. Quando eu voltei, já tinha aquela coisa, era diferente, que a gente é jovem, depois do primeiro beijo a atitude cresceu. E a relação com os meus amigos estava diferente. Só que eu cheguei a ficar com os três meninozinhos da escola e eu vi que não era aquilo que eu queria, que eu olhava mais para as meninas. Nesse período que foi final do sétimo ano, da metade do sétimo ano para frente, começou a mudar um pouco a minha relação com eles. Porque eles começaram a me ver, como: “Ah, A Dandara é lésbica!”. E como era uma escola de bairro pequena, particular, eu era ‘A menina lésbica’ da escola. Era novidade para todo mundo, ninguém sabia o que era aquilo. E aí no oitavo ano também as coisas já se acalmaram mais, mas ainda tinha as pessoas que faziam hora e tudo mais. A escola era meio religiosa também, então a coordenação, a direção tinha um olhar

diferente. Eu negava, morria negando, qualquer coisa, porque enfim, questão dos meus pais. Quando eu saí daí eu fui para o nono ano, numa pública. E lá já era completamente diferente, a comunidade LGBT que era muito maior, era nítido. A coordenação e direção já não era tão preconceituosa, homofóbica com os alunos. Eles buscavam respeitar, eu entendo que por ser uma escola pública também, eles não queriam ter até problemas com os alunos. Eles só não aceitavam caso de alunos com farda rasgada, não queriam ir de farda, comportamentos que não eram adequados mesmo para o ambiente escolar. Agora eu não presenciei cenas homofóbicas, por exemplo, da gestão escolar durante o nono ano. E aí quando eu saí de lá eu fui fazer o ensino médio na escola profissionalizante, era pública também, de tempo integral. Lá a minha relação também com gestão, direção, professores era muito tranquila, com os alunos também. A questão da comunidade lá também era bem presente, por ser de tempo integral muita coisa a gente vivia dentro da escola. Porque estava lá de 7 da manhã a 4 e 40 da tarde, então tinha certos grupos que a gente criava, de teatro, essas coisas, grêmios. E rolavam conversas, momentos, vezes por outro algum evento para tratar sobre questões de gênero e sexualidade também. Outros assuntos também, mas esses estavam incluídos. De uma forma geral foi assim tranquilo, o meu ciclo de amigos era de pessoas do “vale”, digamos assim, então foi mais tranquilo. Mas tinha um ou outra pessoa que a gente sabia que era mais religiosa, na minha turma também tinha. Foi uma coisa que foi até meio engraçado na época, porque no primeiro ano tinha me candidatado a líder de sala, e aí teve uma menina que se candidatou que era evangélica, e o pessoal ficou fazendo ouro, que eram dois extremos e tudo mais. E nos anos seguintes se repetiu também nas eleições de liderança. Mas, mesmo com a religião, ela também sempre me respeitou, nunca faltou com respeito, ou disse que não aceitava, ou algo assim. Então nesse período aí foi mais tranquilo, acho que o mais difícil foi mesmo no fundamental, porque eu era nova, era tudo muito novo e como eu vivia muito presa dentro de casa, eu que aproveitava o tempo que eu estava na escola e o espaço que eu tinha as pessoas para poder viver muita coisa. Mas do nono ano para frente foi mais tranquilo na escola, minha trajetória.

(E): Bom, você falou sobre algumas situações de estigma, preconceito e discriminação que aconteceram dentro da escola, de um modo geral. Mas agora eu queria saber quais situações aconteceram especificamente nas aulas de educação física. Principalmente naqueles momentos que você precisava trocar de roupa, como você se sentia nesses ambientes, ser acolhido ou não.

(S1): Nas aulas de educação física eu lembro de alguns momentos, por exemplo, quando eu estava no sétimo, no oitavo ano, nessa escola de bairro, que eu tinha comentado, e lá tinha uma piscina, e aí quando a gente ia trocar de roupa, as meninas da sala ficavam com receio de trocar de roupa na minha frente. Tinha algumas delas que eram inclusive minhas amigas, elas falavam se não estou de piada, só que aquela coisa, a gente fica meio assim, a gente nunca sabe. Falavam: “Sai daqui, não sei o quê, a Dandara não pode ver não porque ela é sapatão”, como se tirassem a blusa na minha frente e eu ia atacar a menina. Na piscina também se tinha que fazer atividades assim junto, como a gente estava de biquíni, não era maior, era a biquíni que a gente usava. Algumas meninas eu notava que elas tinham um certo receio em estar perto de mim, isso aconteceu, e quando ia ter interclasse, eu não jogava nada nessa época ainda. E eu nem sentia vontade de jogar, porque quando falavam futsal, ficavam comentando, tipo: “A Dandara é joga porque ela é sapatão”, sendo que elas sabiam que eu nem jogo. E aí, fazerem-me desmotivar para jogar, porque eu não queria ir por conta daquilo, daquela fala delas, e eu não sentia vontade de participar das práticas. Às vezes, me atrasavam quando eu ia trocar de roupa

no banheiro, então eu dava um jeito de ir primeiro, quando não tivesse ninguém. Já no ensino médio, como era de tempo integral, quando tinha alergia de calcinha física, geralmente a gente tomava banho, lá tinha um vestiário maior e teve um momento também que alguns colegas, não eram minhas amigas próximas, elas fizeram piadas também nesse sentido: “Sai daqui sapatão.” falando e rindo. Só que eu já era mais velha, um pouco mais velha, então foi uma coisa que eu cheguei para elas e eu disse: “Olha, o tom que você fala eu sei que é na brincadeira, só que eu não gosto. E tem pessoas que vão ouvir de fora e elas não vão levar na brincadeira, tem pessoas que são preconceituosas, homofóbicas, vão ouvir de fora e vão concordar com você pela homofobia delas. Então eu prefiro que esse tipo de fala não parta de você.” E aí elas pararam com isso, tinha uma amiga minha, era amiga mesmo, que ela dizia, quando ia falar com a amiga, ela falava assim brincando: “Ah, isso é o que? É a Dandara, a sapatão?” E eu cheguei pra ela um momento e disse: “Olha, eu sou muito mais do que isso, eu não quero que isso seja o que me define, né? Então eu quero que você me chame só pelo meu nome.” esse, no caso, já foi outra pessoa, não é a mesma que falava no banheiro. E aí eu conversei com essa minha amiga e ela tinha um caso engraçado que ela tinha medo de balão, a gente a chamava de “Duda Balão”. Aí eu disse pra ela que pra mim era diferente, né? Como ela sentia quando o pessoal a chamava de Duda Balão, eu sentia diferente quando ela me chamava de Dandara Sapatão. E aí, mas foi super compreensível, ela parou mais por isso. Eu acho que em outros casos assim que se repetiram também novamente durante as interclasses, né? Diziam que eu ia jogar porque era sapatão, era por isso que estava jogando. Quando tinha um outro evento de uns cursos de moda também, que lá era profissionalizante, um dos cursos era moda, o meu era nutrição, E as meninas me chamavam pra participar. Tinha gente que soltava piada, dizendo que eu estava com essas roupas, mas devia estar vestida de outra forma. Querendo que a minha expressão de gênero fosse diferente do ponto da minha orientação sexual. E eram falos que as pessoas soltavam na brincadeira, mas eu sabia que era pela homofobia, até pela pessoa que falava, ou pelas pessoas. Quando eu estava no banheiro com as minhas amigas também, tinha gente que, independentemente delas serem hetero ou não, olhava de um jeito mais torto ou comentava alguma besteira na hora que ia sair do banheiro, soltava alguma piada. Se eu precisava de ajuda pra fazer alguma coisa, ajeitar um sutiã, alguma coisa assim, tinham pessoas que soltavam certas piadas. Mas essas pessoas geralmente eram de fora, quando soltava assim, com realmente a intenção, não eram parte do meu ciclo de amigos. O que eu me lembro são essas situações.

(E): Bom, você descreveu algumas situações que aconteceram com você e como você se portou a partir delas e como alguns amigos e amigas se portaram a partir dessas situações. Agora eu queria saber se alguns professores ou gestores, a gestão geral, coordenação, direção, secretaria, se portaram, fizeram alguma coisa a partir dessas questões. Se você levou, se elas não perceberam, como foi essa sua relação?

(S1): Eu nunca cheguei a levar assim para a coordenação, nem direção, nenhuma situação específica comigo. Agora, assim, em uma turma específica de um curso, tinha uma determinada quantidade de meninas que eram lésbicas, e elas andavam muito juntas e tudo mais. E aí, uma outra parte da sala delas tinha vários comportamentos assim, homofóbicos, de soltar piadas, de discriminar, de querer que elas não participassem de certas ações. Por conta disso que aconteceu, gerou um movimento assim, geral, na escola, que envolveu outras turmas. Além, de um grupo de representantes assim, da turma delas, foi falar com a coordenação, mas levou assim como se fosse pela voz da escola inteira e todo mundo da escola que era da comunidade. E depois disso, alguns professores

comentaram em sala sobre esses comportamentos serem errados. E a escola aproveitou algumas datas que vieram posteriormente para fazer eventos, deixava até que os alunos tomassem a frente mesmo, porque a coordenação e a direção em si não tinham um conhecimento pra fazer, por exemplo, uma palestra ou algo assim sobre isso, né? Então, eu lembro que uma vez veio uma pessoa de fora, numa feira cultural que a gente estava tendo e fez uma palestra sobre isso. A gente teve uma vez que eu achei muito interessante, eles fizeram, após isso, que foi sobre os cuidados que as pessoas do LGBT têm que ter com o uso de preservativos e quando vão se relacionar com outras pessoas também, eu achei importante que eles fizeram um momento assim, separado específico para isso. E, eu lembro uma vez em junho, é junho que tem uma data, se eu não me engano, não sei, mas tem o dia, não é? Eu sei que tem uma data específica que eles fizeram um momento assim, uma palestra para falar sobre as diferenças entre gênero, orientação sexual, para que a escola soubesse. E aí, pronto, teve essas situações, mas não fui eu em si, que eu nunca levei nenhuma reclamação assim minha específica, não. Mas eu não levava mais também, porque eu tinha muito receio por conta da minha família, tinha receio de ter que envolver a minha família para resolver e a minha família até hoje assim se faz de doida, né? Então, na época desse do ensino médio era pior, preferia não ir atrás de um jeito de resolver pra não quer que envolva a minha família na resolução.

(E): Essas situações que aconteceram, principalmente as que aconteceram dentro do contexto da educação física na escola, na sala de aula, no vestiário, na natação, como você citou, essas situações modificaram a sua visão da educação física dentro da escola, imaginando uma realidade das suas vivências. Será que atrapalhou alguma coisa? Você poderia fazer algo diferente?

(S1): O que atrapalhou mais foi que certos estigmas assim, que as pessoas têm certos preconceitos, eu não via os professores de educação física combatendo isso, por exemplo, quando o professor ia fazer alguma prática de futsal e as meninas não queriam de uma forma geral participar e diziam que só as que estavam participando é que eram lésbicas ou bi e eu não via eles falando nada, sabe? Geralmente quando outras meninas que não eram da comunidade jogavam é porque elas mesmas tinham um grande interesse e não se importavam com isso, não tinham nenhum comportamento homofóbico com relação a isso. Com relação às coisas do banheiro também houve alguns momentos em que os alunos saltavam piadas, não só com relação a mim, mas no vestiário dos meninos também, saltavam certas piadas na frente do professor de educação física da época do ensino médio e ele não chegava a falar nada a respeito disso, ele não se incluía ali com os meninos, mas não combatia, não dizia que aquilo era uma fala homofóbica. Ele só levava ali como piada e esperava que os meninos também levassem. E no ensino médio não, mas no fundamental, por exemplo, que às vezes eu me atrasava para a aula, o professor em si eu nunca cheguei para falar com ele porque no ensino médio eu tinha recebido conta da minha família no fundamental mais ainda, mas também tinha os alunos que só soltavam piadas na frente dos professores e eles se calavam. E eu acho que é pior quando uma pessoa se cala do que quando ela fala com você mesmo que ela não lhe aceita ou não lhe respeite, porque quando ela se cala você não sabe nem que ela está ali, você não sente nem que você foi visto, que você foi ouvido, quando você tem o medo de falar, mas outros falam por você mais ainda, você se sente mais invisível ainda. Poxa, tem alguém falando aqui de mim, mas ele está fazendo de doido. No primeiro ano na escola do ensino médio isso foi mais difícil, no segundo ano já nem tanto. Eu consegui me envolver mais com as meninas, participar do interclasse e tudo mais. No terceiro ano eu acho que a minha relação com a educação física foi mais prejudicada, porque o meu professor ele não era

homofóbico, mas ele era muito machista, eu não me sentia muito confortável, ele mesmo soltava piadas, priorizava o futebol masculino. Às vezes certas meninas queriam jogar o feminino, às vezes ele falava para elas jogarem com os caras, mas elas eram mulheres. E se fosse uma menina lésbica, os meninos faria isso com a gente, tipo: “Ah, poxa, mas ela não é mulher não?” Ele não defendia as meninas, ele deixava passar. Então no terceiro ano esses problemas aí também foram mais prejudicados. Eu acho que o que me incomodou mais foi o silêncio dos professores, a omissão.

(E): Durante a licenciatura em educação física você teve algum contato com questões dentro de palestras, nas aulas, projetos de extensão, que falassem sobre a comunidade LGBTQIA+, e caso você tenha tido, quais foram esses momentos?

(S1): Eu conheci algumas pessoas que estavam pesquisando em cima disso, sobre questões de gênero e sexualidade. No meu primeiro semestre, quando eu tinha Centro Acadêmico na educação física, teve uma palestra, que eu lembro que foi uma mulher trans, que realizou, não lembro o nome dela, era mais uma roda de conversa do que uma palestra sobre as vivências dela quando ela ingressou na UFC, se eu não me engano ela era do curso de moda, e ela falou os problemas que ela tinha com o nome social e tudo mais, uma questão que fez até ela desistir do curso, que antes dela conseguia retificar o nome dela, os professores chamavam ela pelo nome de batismo, e isso a incomodava muito, porque era um nome considerado masculino. E aí, eu via algumas dessas pessoas que a acompanhavam, uma em específica, eu cheguei a fazer duas disciplinas com ela no segundo semestre, e quando tinha algum trabalho, alguma coisa, ela geralmente gostava, como era a linha de pesquisa dela, gostava de associar com o gênero e sexualidade, e fazia nessa temática. E teve também um projeto que eu fazia parte, que era no Núcleo Rondon na UFC, a gente fazia capacitações internas entre os membros, e uma vez o pessoal da ‘Enfermed’ fez uma capacitação que foi sobre: A Atenção primária para a comunidade LGBT. Eu achei isso demais, e aquilo foi passado para membros do projeto dos quatro cursos, que eram Medicina, Enfermagem, Odontologia e Educação Física. Quem ficou à frente foi um grupo específico da ‘Enfermed’, mas o resto do grupo também participou lá como ouvinte na integração. Esses foram os contatos mais fortes que eu tive, também participei de algumas pesquisas de colegas que fizeram para apresentar de disciplinas, de pesquisa colaborativa, ou então como trabalho dos encontros universitários. E um outro contato que eu tive foi numa pesquisa que eu fiz que foi com o Desporto, mas já partir de mim, vale?

(E): Vale.

(S1): Que não era sobre gênero, não era sobre a relação sexual, não era a interferência da religião na prática de esportes por mulheres. E o que muitas meninas relataram que me chamou a atenção, é que elas eram julgadas porque as pessoas achavam que elas eram lésbicas ou bissexuais por elas praticarem aqueles esportes, sendo ele futsal, vôlei e handebol. E boa parte das meninas que disseram isso não eram, elas eram hétero e elas passaram por isso também. Então é uma coisa que acontece que eu vejo que desmotiva até quem não é da comunidade, a gente que é da comunidade, como eu, me senti prejudicada, assim, desmotivada a praticar e essas meninas, não que elas se sintam por não vou jogar para não acharem que elas eram lésbicas, mas elas entendem que as pessoas têm essa visão. Foram os maiores fantasmas que eu consigo lembrar.

(E): Bom, agora nossa última pergunta, ela tem relação com o que você pensa para o seu futuro, certo? Como futuro professora de educação física, você está em uma licenciatura em educação física, estudando para ser uma professora. Como você pensa e propõe mudanças para essas situações, olhando para o seu passado e pensando em, se eu vivesse isso como professora, quais situações eu faria diferente? Você falou sobre a questão do silêncio, você mudaria alguma coisa a partir daí? E a partir disso, pensando nessas estratégias e ações mesmo que você faria quando você trabalhasse no futuro para mudar essas ocorrências, para talvez diminuir ou acabar mesmo.

(S1): Acho que primeiramente para fazer alguma ação eu teria que desenvolver o que eu acho muito importante, que é o espaço de escuta e de conhecer realmente meu aluno, porque eu acho que assim como é importante a gente saber qual aluno tem determinada patologia, é interessante o professor também saber qual aluno dele é uma pessoa trans, qual aluno ele é da comunidade LGBT, os pronomes que eles querem ser chamados. Isso facilita quando o professor busca realizar um interclasse ou até durante as aulas, se notasse que determinado grupo de alunas que não está participando são meninas lésbicas: “Nossa, tem alguma coisa que está acontecendo, estou fazendo aqui as práticas e as meninas estão participando, por quê?”. E acho que a partir disso o professor pode investigar se está acontecendo alguma coisa nos vestiários, se elas estão sofrendo comentários homofóbicos, discriminatórios de uma forma geral. Eu acho que para fazer essa investigação, primeiro o professor, como professor, vai ter que conhecer os meus alunos, e aí conversar com eles após a investigação e atrás de soluções. Se são problemas que estão acontecendo no vestiário, aí eu vou atrás identificar, realmente, isso está surgindo apenas pela homofobia, ou será que as alunas realmente estão fazendo algum comportamento que não deveriam ter? Ou até as alunas que não são da comunidade, elas não estão participando porque elas têm medo de serem chamadas de lésbicas. E por que elas têm esse medo? De onde vem esse medo? É da homofobia? É da família? É parte delas? Ou é partir realmente só de fora? É uma coisa que eu preciso combater na escola de uma forma geral, e aí entrar em contato e conversar mais com a gestão, com a coordenação, para ver possibilidades de realizar palestras, momentos de conscientização, para poder quebrar essas discriminações. Mas acho que começa daí, primeiro conhecendo o aluno, depois investigando as situações e tentar resolver não sozinha, mas na escola tem que ser de uma forma geral, porque acontece na aula de educação física, pode acontecer em outras aulas, em outros momentos, e atrás de meios, mas dentro da educação física em si eu também posso fazer assuntos, por exemplo, mostrar ali pessoas trans no esporte, mostrar que as pessoas trans também podem estar presentes. Eu digo isso porque vai ter o interclasse na escola do meu estádio agora, tem alguns alunos trans na escola que estão com receio de participar, a gente quer atrair mais eles. Mostrar também os times de uma forma geral, que não são só pessoas, no caso, tratando-se de mulheres, não é só lésbicas ou bissexuais que jogam, pessoas héteros também jogam, o esporte em si é plural, e tratando já no masculino, no caso, não é só homens héteros que jogam, que praticam esporte, não é porque você é gay que você não pode praticar também, até isso é diferente quando você está falando de homem e de mulher. E até estudar, pesquisar mais para poder saber como desenvolver ações, para poder ajudar os meus alunos a compreender melhor a realidade deles, porque mesmo eles sendo da mesma comunidade, são realidades diferentes da minha, eu vou ter que entender isso, entender que os desafios que a idade pode trazer, como as relações com a família, às vezes eles não podem querer participar, se envolver, falar dos seus problemas por conta disso, ou até para “não perder os amigos”, mas estudar também para poder saber como resolver melhor essas situações. É isso.

**TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SUJEITO 2 (DATA 20/09/2022 HORÁRIO: 19H)
CODINOME: Matheusa Passareli.**

ENTREVISTADOR (E): Qual o seu nome e a sua idade? Eu gostaria de saber qual o semestre da graduação você está? Qual a sua identidade de gênero? Qual a sua orientação sexual?

SUJEITO 2 (S2): Matheusa Passareli, 20 anos. Oitavo semestre. Mulher Cis. Bissexual.

(E): Como foi a sua trajetória de vida durante essa sua educação básica? Você vai tentar buscar os momentos principais que aconteceram, os fatos, tudo que aconteceu, as escolas que você passou, os caminhos que você percorreu. Então, poderia falar um pouquinho?

(S2): Preciso ter alguma relação com a educação física?

(E): Pode ter se você quiser.

(S2): Bem, eu estudei, a primeira escola que eu estudei foi uma escola de bairro, no Bairro José Walter. Eu basicamente nasci e cresci na escola. Foi acho que com três anos e fiquei lá até o 9º ano. Mas nesse percurso dessa escola eu sim, eu senti que era um local muito preso. Não sei se por ser uma escola de bairro, mas era um lugar em que todas as pessoas tinham que ser basicamente iguais e era exigido isso. E o igual, quando fala igual, é basicamente branco do cabelo liso. Ou você pode ser negro também, mas seu cabelo tem que ser liso. E acho que para mim foi a parte mais marcante dessa escola, foi a pressão que eu tive em relação ao meu cabelo, de achar que eu não era aceita por causa dele. Enfim, sabe, preconceito mesmo de um dia eu ir com o cabelo solto e um amigo meu, um colega meu, falar para eu prender meu cabelo de novo, falando: “Por que tu veio com esse cabelo desse jeito?” É melhor tu prender esse cabelo. Sendo que eu já tinha muita dificuldade de ir com o cabelo solto e aí nesse dia eu decidi e recebi essa resposta logo de cara. Então minha outra tinha que ir lá pra baixo. E toda aquela questão de alisamento, de querer alisar e tal, e de ser aceita assim. E quando eu realmente alisei o meu cabelo todo, foi surreal a mudança que aconteceu de como eu me senti, de como eu senti que as pessoas me tratavam, me olhavam, que foi diferente e foi como se, ah, então esse tempo todo agora eu consegui entrar de fato na visão que essas pessoas querem, né? E aí eu me senti um pouco mais aceita. Mas em relação aos professores e coisa assim, se for para voltar em relação à educação física, eu nunca gostei da minha educação física, nem no fundamental, nem no ensino médio. Os professores eram realmente só rola bola e tinha muito a questão de assédio, nunca aconteceu comigo, mas eu vi isso acontecer contra as meninas. Mas não as culpando, mas eu sinto que elas davam abertura para isso, de querer entidade com o abraço do professor. Eu nunca fiz isso. E depois, quando eu fui para o ensino médio, foi completamente diferente. Eu fiz o ensino médio no SESI Senai e lá a gente, e lá tinha gente de todo tipo. Tinha pessoas de todo, todos os arredores, de Fortaleza e diferente de fortaleza, que iam e eu conheci outro tipo de realidade. Foi quando eu comecei a morar só também. E eu vi ali que as pessoas eram completamente diferentes. Nessa escola o padrão não era ter um cabelo liso, então tanto que foi por isso também que eu passei pela transição, quando eu estive nessa escola, me senti acolhida, fui acolhida do jeito que eu estive, do jeito que eu estava. Essas pessoas sempre me amaram e me aceitaram e era uma coisa realmente genuína, tanto que eu também me assumi quando eu estava nessa escola e foi tudo muito tranquilo em relação a isso. Essa escola também

trabalhava com mais questões sociais, então a gente tinha palestras e debates e eu sempre fui muito ativa nessa questão de debater em relação a cotas, a posição de pessoas negras também, não porque eu me considere negra, eu me considero parda, mas por ter sofrido preconceito por ter um cabelo cacheado, eu meio que entro nessa causa do racismo mesmo. Essa era a grande diferença entre uma escola e outra, quando você está numa escola pequena, querem te fazer pequena e quando você está numa escola que tem gente em todos os cantos, você consegue abrir mais o seu olhar de que eu mesma de certa forma era preconceituosa e quando eu cheguei nessa escola, gente que tem muito dinheiro, gente que não tem dinheiro nem para passagem, se liga, dessa diferença de padrões, sim, foi muito importante para minha formação como pessoa e eu pessoa hoje em dia graças a isso também, esse processo.

(E): A nossa segunda pergunta, ela vai ser mais direcionada às aulas de educação física. Você já sofreu algum estigma barra preconceito barra discriminação durante as aulas de educação física na escola como estudante da educação básica e isso contempla tudo que é educação física, desde o vestiário até as aulas e depois a troca de roupa no final.

(S2): Acho que quando eu era mais nova eu gostava muito de correr, eu me lembro que eu era muito boa correndo e até redescobrir né, esse lance de ser boa correndo com a disciplina de futsal, mas aos poucos a gente, a gente eu e o meu grupo, a gente entrou naquela, naquele lance de que é o futebol, na educação física, são voltadas para os meninos, não tem tanto espaço assim para gente, acho que eu nunca tive aula de dança, nem de ginástica, nem de nenhuma modalidade que eu realmente só conheço hoje em dia por conta de fazer o curso de educação física. Mas eu sempre gostei de dançar nas atividades de feiras de ciências e cultura, então eu sempre gostei de protagonizar. Eu gostava de fazer parte dessas danças, enfim, e a minha relação com o meu corpo foi comigo sozinha na escola, porque os professores mesmo, eu não tinha interesse, nem nas aulas teóricas, as aulas práticas eram sempre a mesma coisa, eu fazia para ganhar frequência, mas em relação ao estigma, acho que ninguém nunca me taxou de nada, não me lembro, se passei por isso foi algo de ser muito nova mesmo, mas ao decorrer da minha vida eu nunca sofri nada não em relação ao meu corpo, à minha orientação sexual, isso nunca foi um problema, mas em relação ao gênero mesmo de menina não poder praticar esportes e realmente ser o seu lugar sentado na cadeira e você fazer questão de esquecer o seu fardamento, porque é muito chato a aula de educação física.

(E): Você teve algum iniciativa, algum amigo, amiga sua, um professor ou a própria gestão da escola sobre alguma situação que aconteceu durante essa sua educação básica? Você e todas as pessoas em volta de você na escola, tanto os seus professores, a gestão, seus colegas, eles viam alguma situação acontecendo e faziam alguma coisa ou você procurou alguém para ajudá-la ou nada aconteceu e isso passou batido?

(S2): Aconteceu uma situação com uma amiga mais próxima, eu não sei se foi por ela ter mais corpo, mais peito, mais bunda, mas ela era assediada pelo professor de educação física, dele fazer piadinha, enfim, mas eu nunca vi também da parte dela uma reclamação sobre isso, nunca vi ela achando isso ruim, ela meio que lidava com essas piadas como brincadeira também, mas eu não me lembro, não vou me lembrar de nenhuma situação que eu tenha que ter ido à coordenação ou falado com alguém, isso aconteceu mais na universidade do que na educação básica mesmo.

(E): Como você, durante a sua licenciatura em educação física, você agora é uma licencianda em educação física, você já teve algum contato com questões ligadas à comunidade LGBTQIA+, dentro dos cursos, das disciplinas, dos projetos de extensão, entre outros, durante essa sua graduação e caso você tenha tido, quais foram esses momentos?

(S2): Se a gente já fez alguma coisa em relação a isso, tipo na universidade?

(E): Sim, tanto viu, foi falado, você assistiu alguma palestra, alguma disciplina abordou esse tema, ou você fez algum trabalho sobre isso, pode falar sobre qualquer coisa que aconteceu durante a sua passagem pelo UFC.

(S2): Na verdade, parando pra pensar assim é bem surreal, porque não tem muito desse material nem dessa discussão dentro da universidade e é uma coisa em falta, porque é uma problemática que sempre vai acontecer nas escolas, no estágio eu vi quando as meninas eram reprimidas com seus corpos nas aulas de educação física, mas isso na universidade a gente não aprende muito bem como lidar. Acho que o que eu fiz e talvez a única coisa que eu me lembre foi um trabalho sobre sexualidade e agora não vou ter a mínima noção do que foi falado nesse trabalho, acho que foi alguma coisa sobre corpos e sobre aceitar isso, não sei se teve esse envolvimento com a educação física também, se foi testemunho de cada pessoa, mas é a única coisa que eu me lembro de ter tido esse espaço pra falar, de poder falar sobre essas questões e enfim, lamentava não ter mais coisas assim, acho que não participei de palestras, não sei se talvez a própria culpa minha, deva ter mais coisas, mas não tão acessível e não que tenha chegado a mim.

(E): Você como futura professora de educação física, própria em alguma situação ou uma intervenção mesmo durante essas suas aulas, pensando um pouco mesmo na sua futura profissão, você pensa em como mudar isso dentro da escola no seu papel de professora de educação física?

(S2): É muito doido pensar nessa mudança, em como eu posso mudar se eu entro no meio do processo, eu sempre fico pensando que a forma de mudar isso é desde o começo, acompanhando todo o processo dessa criança pra que não haja exatamente a super divisão que já vem culturalmente de vários anos aí, do jogo com menina, do jogo com menino, de enaltecer o esporte sendo o sexo masculino, o maior apresentado em relação a isso, mas eu queria muito poder fazer a educação física ser acessível a todas as pessoas, a todos os corpos, a todos os jeitos e partir dessa ideia de que eles fiquem confortáveis e de que eles gostem da educação física, tanto quanto eu aprendi a gostar na educação física. Então pensando assim, se eu comecei a gostar tão tarde, talvez dê tempo de ensinar os meus alunos antes, e eu gostaria muito de ter a oportunidade de trazer essas questões políticas, culturais, de orientações sociais com os meus alunos em relação a colocar debates, conversas, questões de corpo magro, corpo gordo, saudável, doente, de forma mais crítica do que só passar um conteúdo para eles, olha isso aqui, consuma isso aqui, eu quero poder fazer uma educação física onde eles possam pensar sobre o contexto, sobre eles mesmos e se aceitar de forma geral, que eu possa contribuir na autoestima, envolvendo a cultura corporal também, enfim, acho que é isso que eu quero acrescentar na vida dos meus alunos, que eles sejam críticos e reflexivos, que não sejam pessoas de cabecinha fechada, que não sejam preconceituosas em nenhuma quadra dividida entre meninos e mulheres.

**TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SUJEITO 3 (DATA 22/09/2022 HORÁRIO: 13H)
CODINOME: Gabriel Carvalho Garcia.**

ENTREVISTADOR (E): Qual o seu nome e a sua idade? Em qual semestre da licenciatura você está? Qual a sua identidade de gênero entre cis e trans? Qual a sua orientação sexual?

SUJEITO 3 (S3): Meu nome é Gabriel Carvalho Garcia, eu tenho 21 anos. Eu estou atualmente finalizando o sexto semestre. Eu classifico como homem cis. Gay.

(E): Como foi a sua trajetória de vida durante a sua educação básica? E isso você vai trazer todos esses momentos, esses fatos, todas as escolas que você passou, os amigos que você teve. Como foram as relações criadas durante todo esse período?

(S3): Uma pergunta complexa. Nos primeiros anos de educação básica, diria que foram os mais tranquilos. Porque não tinha tanta presença do que a gente considera divisão de menina, menina, ficava todo mundo junto. Eu mesmo ficava junto dos meninos, ficava junto das meninas. Isso nos primeiros anos. No segundo ano do ensino fundamental também, no terceiro, no quarto. Nada de extraordinário aconteceu. Vivia tudo na completa paz. Tinha as pequenas divergências que já começavam a aparecer. Eu comecei a me afastar mais dos meninos porque eles falavam de coisas que em sua maioria, como carros, futebol, corrida, não me interessavam tanto. E as meninas também falavam de coisas que não eram o interesse do meu universo. Eu fiquei um pouco em cima do muro durante esse tempo. No quinto ano, eu digo que aconteceu uma ruptura muito grande. Porque a adolescência foi chegando, os hormônios na flor da idade, a puberdade acontecendo e que já estava separado, começou a ficar um pouco ainda mais confuso. Eu comecei a entender a minha sexualidade enquanto homem gay. Embora eu brincava com os meninos de coisas que a gente estava em alta, tipo cartinha, jogar bola, correr e tudo mais. Eu começava a me aproximar mais das meninas porque elas pareciam, sei lá, me entender mais. Quando chegou no sexto ano, essa sim foi a pior época da minha vida na educação básica. Foi o inferno na terra. Além de eu estar enfrentando todos os dilemas da minha sexualidade, tentando entender, tentando “gostar de meninas”, mas sabendo que gostava de meninos, complicava porque tinha o fator de que eu não me encaixava padrão. Eu não gostava de futebol, eu era gordo, era muito cheio na época. Então começou uma corrente de *bullying*, não só pela minha aparência física, mas também pelo meu jeito. Começavam a dizer, olha o Gabriel parece mais de menino, não gosta de bola. O próprio professor de educação física me tratava dessa forma. Me tratava de uma forma mais, eu não vou dizer leve, mas com certo desdém. Porque eu não queria jogar futebol. Quando eu não queria jogar futebol, só o que ele passava para os meninos ele dizia por que, eu diria que eu não quero. Eu não conseguia explicar nenhum motivo aparente, mas foi esse sexto ano terrível, onde foi muito estresse e muitas piadas aguentadas. E até educação física eu perdi o encanto, eu não queria participar das aulas. Quando chegou no sétimo ano, eu mudei de escola. Esses fatos que aconteceram até o sexto ano foram basicamente na mesma escola onde eu estudei desde que eu era pequeno. E no sétimo eu mudei e acabei mudando junto. Eu passei pelas mudanças físicas de adolescência, graças a Deus. Estirei, meu corpo começou a se desenvolver. E eu, como era uma escola nova, ficava muito calado na minha. Ninguém me conhecia, então ninguém poderia me julgar. Mas acabei aqui na próxima imagem, nasci novamente. Os meninos eu conversava, tinha uma relação tranquila, amigável. Não era próximo de nenhum deles. Sempre tive amigos meninos durante a

educação básica e seguiu-se assim. Oitavo foi da mesma forma. A educação física era mais tranquila, porque ficava de lado. Não queria aparecer em destaque. No nono ano, entrando mais uma vez em uma fase de mudanças, a gente passava ainda a adolescência para virar adulto. As coisas começaram a ficar um pouco mais leves, eu acho. Ao mesmo tempo que as piadas diminuía, que a gente estava crescendo, graças a Deus eu tive a chance de estar em um ambiente nada agressivo. Embora ninguém soubesse da minha sexualidade, porque eu não comentava, eu ainda não tinha me assumido, nem para as minhas amigas, nem para ninguém, ninguém me julgava pelo meu jeito. Porque eu era bom em outras coisas, acabei me saindo bem em outras coisas. Podia não ser bom em futebol, mas era ótimo em handbol. Então uma coisa acabou compensando a outra. Mas ainda me sentia meio desconfortável. O ensino médio chegou, ainda nessa escola X, em que eu mudei quando cheguei no sétimo ano. O primeiro ano foi o ano de mais transições, eu passei a não mais questionar minha sexualidade, dizer que era o que eu sou, não vou mudar o que eu sou. Mas ainda tinha medo de me assumir, ninguém sabia. Eu contava da minha vida para pedir conselhos, mas mudava os meninos por meninas. Uma coisa meio doida. No segundo ano isso continuou. Acho que algumas pessoas pensaram em perceber, mas não falavam nada. E aí mudei de escola mais uma vez para a última que eu passei, para fazer meu terceiro ano. E lá foi que a coisa se ficou livre de vez, eu considero. Foi aí que eu respirei, fiquei aliviado. Foi onde eu comecei a ficar calmo, porque o cenário era completamente diferente, era um ambiente mais livre. Eu estudei como bolsista em uma escola particular e católica durante anos, do sétimo ao segundo ano. E eu mudei para uma escola estadual, onde eu comecei a ver meninas e meninas se beijando, normal. Comecei a me interessar também, e foi quando me assumi para as minhas amigas, para o meu grupinho de amigos muito próximo, e tive a engraçada surpresa de descobrir que só tinha dois héteros no grupo, porque eu tinha medo, porque eram todos do “vale”. E foi nesse ponto que comecei a ficar mais leve, eu não precisava mais se conter, eu me assumi, comecei a sair com os meninos da escola, a ficar na escola de caszinho, época sombria. Mas foi muito bacana essa parte de na educação básica, eu me senti acolhido pela primeira vez, porque tudo mudou. Eu que fiquei anos me reprimindo, comecei a me soltar mais, falava mais, participava mais, comecei a ganhar destaque, não fiquei mais com medo de ficar nos holofotes, porque quem falasse alguma coisa, você não estava mais importando. Isso também se refletiu na educação física. No que eu me senti mais acolhido pelo próprio professor, que me incentivava a participar da aula, não fazia o famigerado futebol, incrivelmente porque eu gostava mais de vôlei, até os meninos, então foi uma época muito feliz na educação básica e na educação física, porque eu consegui participar, consegui jogar, consegui me entrosar, o muro se desfez, fiquei junto dos meninos, que eu tinha amigos, fiquei junto das meninas, que eu tinha amigos, e estava tudo bem. Ficou supertranquilo. Eu acho que isso puxa para outros ganchos que não sei se cabe falar, mas que fica. Não sei. E se sempre fosse assim o tempo todo, e se os anos da educação básica fossem sempre acolhedores, e se o diálogo fosse colocado em pauta, é uma coisa que eu penso. E eu acho que foi isso.

(E): A nossa segunda pergunta é assim, você já falou algumas situações, né, que aconteceram com você durante a educação básica, mas eu queria saber mais diretamente se você sentiu que já sofreu algum estigma, preconceito, discriminação, por ser da comunidade LGBTQIA+ dentro das aulas de educação física. E isso não necessariamente só na sala de aula, na quadra, pode ser também em lugares de troca de roupa, banheiros, vestiários, assim. Como foi?

(S3): Nos primeiros anos em que eu estudava no Colégio X e no Colégio Y, eu sentia certa discriminação, principalmente nos primeiros anos do quinto ao sexto ano, porque como eu não queria jogar futebol, era visto como “menos menino”, ficavam olhando torto, como é que ele joga futebol, ficavam comentando o jeito que eu andava, o jeito que eu sentava, o jeito que eu falava, eram pequenas piadas que machucavam, era uma homofobia velada, um preconceito velado, que ninguém sabia explicar ainda, ninguém sabia, ninguém entendia ainda o que era, mas existiu sim, implicavam muitas coisas que eu fazia, com muitos jeitos, trejeitos, e no sétimo ano isso parou, mas no sexto, especificamente, foi uma ocasião em que o professor insistiu pra jogar bola, estava sem paciência no dia, fui participar, joguei bola e simplesmente era um desastre, e passei a aula inteira ouvindo piada do começo ao fim, nomes que eu não me lembro, mas eu lembro da cena, por certeza que era tipo marica, baitola, boiola, entre outros pejorativos, isso é um momento chato, muito chato. Em relação ao vestiário, nada aconteceu, mas é porque eu acho que evitava acontecer, não sei se era uma coisa velada minha, ou algo automático de fazer, mas sempre era primeiro tomar banho no vestiário, trocar de roupa pra sair antes que todo mundo chegasse, era o que eu fazia, não sei se automático, se pra evitar situações chatas, ou até menos por medo do que poderia acontecer, mas eu fazia isso, evitava ficar no banheiro com os outros meninos, e quando eles chegavam ficava sempre na última cabine. Outras situações específicas era, acho que, o que eu gostava de fazer, eu gostava mais de jogar esportes manuais, e na época você porque era visto como coisa de menina, então diziam: “Gabriel jogando coisa de menina”, enfim, situações chatas.

(E): Você, ou algum amigo seu, ou uma amiga sua, os professores ao seu redor, ou a própria gestão da escola, os coordenadores, os diretores, fizeram alguma coisa, caso você tenha levado essas situações a eles, ou eles observaram e tentaram mudar de alguma forma, ou eles foram omissos e não fizeram nada sobre isso?

(S3): Completamente omissos, se eu pudesse falar o nome da escola, mas não posso, por questões éticas, eu iria expor, porque não fizeram absolutamente nada. Os professores viam, o professor de educação física via, mas não faziam nada. Mesmo quando no final do sexto ano eu levei a situação para a direção, para ver se alguma coisa mudava, nada aconteceu. E se perguntar para a diretora, para o diretor, para o coordenador, nenhum deles vai lembrar. Nada. Completamente passaram o pano, disseram que era uma coisa de criança, mas ele está crescendo, bobagem, e não fizeram nada. Passaram o pano completamente.

(E): Essas situações que aconteceram contigo no passado mudaram de alguma forma? Como você via a educação física na escola, como você praticava, como você participava das aulas, ele mudou de alguma forma essa sua visão?

(S3): Mudou. Eu sempre gostei muito de me movimentar, de estar em movimento, de praticar práticas corporais, atividades corporais, e essas situações chatas fizeram minha visão da educação física se tornar muito obscura. Eu sentia que não era um ambiente acolhido para mim, era um ambiente estranho, agressivo, por vezes cruéis. Eu não queria estar naquele ambiente. Parecia muito que eu saía para lá para sofrer, para passar vergonha, para passar vexame, para passar trepadas, mas mudou muito. Acho que puxaram um gancho rápido. Acho que foi por isso que eu me retardei por tanto tempo na minha escolha de educação física, de fazer educação física. Porque eu queria estar nesse ambiente como profissional, que só existia essa opressão toda. Mas mudou sim. Retraí o

meu desejo de participar das aulas, retrain minha vontade de estar naquele espaço, por mais que eu achasse legal, eu pensava, não, não vale a pena. E eu passei a enxergar aquilo como o momento mais chato da minha semana. Eu detestava ir para a aula de educação física, porque ia sofrer as piadas, porque a farda me incomodava esteticamente. Mudou muito. Parando para pensar, naquela época, eu pedia para fazer 30 provas para a educação física, e eu preferia as 30 provas. Porque eu não me sentia zero afinidade. Não tinha coragem de ter força para participar daquele momento. Sugava toda a minha força de viver.

(E): Agora, né, você está estudando uma licenciatura em educação física, estudando para ser professor, certo? E você, durante toda essa sua graduação no OFC, teve algum contato com a temática da comunidade LGBTQIA+, dentro de disciplinas, de aulas, de cursos, de palestras? Você já vivenciou isso de alguma forma dentro da OFC?

(S3): Já. Eu lembro de casos isolados, pode haver mais, mas eu esqueci. Mas eu lembro de alguns que me marcaram. O primeiro contato que eu tive com as temáticas LGBTs foi de uma forma indireta, através da disciplina de Fundamentos Filosóficos, onde a professora, nos primeiros dias de aula, simplesmente trata toda a questão de sexualidade envolvendo o corpo de uma forma completamente natural, explicando que eram questões que a gente tinha que parar, tinha que olhar, não podia ignorar, tinha que, assim, mais tudo respeitar. E isso já foi um tapa na cara. Outro contato que eu tive foi com a disciplina de Formação Rítmica e de Dança, com outro professor, posso citar nomes? Fundamentos filosóficos, era com a professora Tatiana, e Dança e Formação Rítmica com o professor Marcos. Nessas disciplinas, ele sempre teve um olhar mais cuidadoso com a comunidade LGBT. Ele sempre, de uma forma ou de outra, abordava pautas temáticas e eu acho que também ter um professor gay, que abriu portas, abriu muito para dizer se ele está lá, se ele está lá brilhando, também pode brilhar lá também. Foi uma inspiração, um símbolo de orgulho. Marcos, enfim, maravilhoso. Outro caso foi em uma palestra, que foi sexualidade e educação física, não pela UFC, mas eu fiz um contato aqui, eu acho que pode contar, que abordou questões de gêneros na sala de aula, o que fazia com que a gente identificasse traços de preconceito, traços de homofobia, e outras experiências não diretamente ligadas ao tema, mas na aula de Futsal e Futebol, meu grande inimigo do fundamental, o professor apresentava estratégias para incluir todo mundo. Era uma forma bem bacana. Na disciplina de Fundamentos Socioantropológicos, teve uma parte que tratamos de questões de gênero, e inclusive meu trabalho final foi sobre isso, a questão de sexualidade dentro da educação física escolar, onde a gente discorreu, eu discorri, 20 minutos falando no podcast, sobre as questões de porque a gente ignora os corpos gays, os corpos lésbicos, os corpos trans, dentro da sala de aula. Foram questões que marcaram na minha formação, e me permitiram estar aqui, eu acho.

(E): A última pergunta tem como intuito pensar mais ou menos como vai ser o seu futuro, então você está estudando para ser professor de educação física na escola ou na universidade, mas essas situações que você viveu, elas podem modificar como vai ser a sua prática pedagógica no futuro, e caso modifique, quais estratégias, situações você busca, ou buscaria, para tentar mudar essas vivências que você teve na escola, durante a sua passagem como professor?

(S3): Isso com certeza vai mudar e vai marcar a minha formação, minha prática pedagógica enquanto professor, porque são temáticas que eu vou trazer, eu vou trabalhar em sala de aula, eu vou abordar, desde a questão da sexualidade ligada ao corpo, quanto de questões e pautas da própria comunidade, porque eu acho que é interessante, antes de trabalhar qualquer esporte, antes de trabalhar qualquer modalidade, qualquer prática corporal, permitir que eles tenham voz, permitir que as pessoas saibam, entendam, e acima de tudo respeitem. Eu enquanto professor de educação física, eu tenho para mim a certeza de que eu não vou deixar nenhum dos meus alunos se sentir como eu me senti, eu não quero que ninguém se sinta intimidado nas minhas aulas, eu não quero que ninguém se sinta desconfortável com o ambiente das minhas aulas, eu vou fazer de tudo enquanto professor, com tudo que eu aprendi, com tudo que eu estou estudando nessa graduação, com todas as temáticas e pautas que eu observo, que eu pesquiso, que eu leio, criar um ambiente onde possam se sentir acolhidos, que eles possam enxergar na educação física um espaço para expressar não só sua corporalidade, como sua sexualidade. Vai mudar minha prática pedagógica, o intuito de que eu não vou trazer o famigerado, café com pão, de futebol e vôlei, eu quero trazer atividades que agora eu sei que eles vão poder ser eles mesmos, que eles vão poder se mover, que eles vão poder se expressar, vão poder ser felizes. Eu acho que a grande mudança vai ser que eu não vou passar pano, não vou ser omissos, como foram omissos comigo. Qualquer vez que isso, mesmo que não seja nada, eu já vou dar um estalo, tentar ver a situação, levar para a coordenação e fazer o possível para que essa situação não se repita, que ela possa ser solucionada, porque eu já estive no lugar do meu futuro aluno que talvez sofra o que eu sofri. E eu, como professor de educação física, não quero que ele sofra o mesmo. E eu acho que vai mudar a minha forma de abordar. Quando eu entrei no curso, eu acho que tinha resquícios muito duros. Eu não vou dizer que eles foram amolecidos, mas sim desconstruídos. Quando eu for ser professor, quando eu chegar na minha sala de aula, na minha quadra, com os meus alunos, eu vou ter um olhar mais cuidadoso com eles. Então, eu olho na minha prática pedagógica ao ponto de que eles não vão se sentir presos numa prisão. Eu acho que eu perdi um pouco o fio da meada, mas o grande ponto aqui vai ser diferente. Eu espero fazer a diferença para que eles tenham exemplos que eu só tive na faculdade, para que eles se sintam inspirados, motivados, e se algum deles quiser ter uma educação física, que eles possam se acolhidos. E o grande ponto aqui é que eu quero fazer a diferença na vida deles, nos meus alunos. Eu não quero ser mais um professor que passa, que finge que não vê. Eu quero que eles possam jogar o que eles quiserem sem sofrerem preconceito, brincar do que eles quiserem, jogar o que eles quiserem, até ir para o vestiário, trocar roupa, tomar banho, sem que eles se sintam desconfortáveis.

**TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SUJEITO 4 (DATA 22/09/2022 HORÁRIO: 16H)
CODINOME: Lindolfo Kosmaski.**

ENTREVISTADOR (E): Eu gostaria que você falasse o seu nome e a sua idade. Qual semestre da licenciatura você está? Eu queria saber a sua identidade de gênero Eu gostaria de saber a sua orientação sexual.

SUJEITO 4 (S4): Meu nome é Lindolfo Kosmaski, tenho 24 anos. Atualmente estou no oitavo semestre. Sou um homem cis. Bissexual.

(E): Como foi a sua trajetória na escola durante a sua educação básica? E nesse primeiro ponto você vai falar todos os acontecimentos, as escolas que você passou, como foram as suas aulas, os professores que você mais gostou ou não. Isso pra te ajudar a lembrar um pouco.

(S4): Eu sempre fui uma criança muito estudiosa por ser filho de professora. Então tinha sempre aquela pressão né, meio que intrínseca de que eu tinha que tirar boas notas, tinha que buscar ser sempre o melhor entre os melhores, senão o melhor aluno da sala. Então acho que eu posso dizer que durante todo o meu ensino fundamental até o nono ano, eu carregava muito o estigma de ser o gordinho, nerdinho, filho da professora. E que muitas vezes por ser quietinho, mais delicadinho, mais comportadinho, tinha o jeito de viadinho também. Então tinha muito esse estereótipo né, que eu trouxe por muito tempo. Eu era uma criança mais quieta, mais solitária, mas que gostava muito de estudar. Principalmente as matérias de português, redação, principalmente redação sempre foi muito bom. Era muito bom em me escrever, expressar aquilo que eu sentia. Eu não tinha um problema específico para uma matéria, mas eu sempre gostei mais dessa área das linguagens. Em resumo, seria isso.

(E): Agora eu queria saber se você já sofreu algum estigma, preconceito ou discriminação nas aulas de educação física, durante a educação básica, por ser da comunidade LGBTQIA+.

(S4): Nessa época, provavelmente, eu acredito que eu não tivesse tanta noção da minha orientação sexual e tudo mais. Mas por eu ter esse comportamento mais quieto, mais reservado, eu me diferenciava da maioria dos outros meninos da sala. Que eram bagunceiros, a maioria era do time da escola, era uma escola particular. Então tinha os times, a maioria dos meninos eram do time de futsal. Nos interclasses e nas aulas de educação física, existia muita competição entre os meninos para mostrar quem era melhor, quem corria mais, quem fazia mais gol. E por eu não ser desse meio, era mais quieto, e minha diversão era estar lendo alguma coisa, um quadrinho, uma revista, um livro. Livros eram muito meus amigos nessa época. Eu tinha esse estereótipo tanto pelos outros meninos, que ficavam: “Bora viadinho, bora gordinho, bora seu nerdinho, não sei o que, vai correr, vai fazer também. Quer ficar que nem as meninas, vai ser que nem as meninas, ficar parado no canto é coisa de menina.”. E tinha esse tipo de coisa que eu escutava também, sabe? E do professor muitas vezes, falava: “Bora Lindolfo, vamos com os meninos, vamos, corre mais, bora, tem que fazer também, tem que estar que nem eles”. Havia meio que uma pressão em que eu estivesse igual a esses outros meninos, que aparentemente para aquele professor naquelas séries, eram o ideal de como o menino deveria ser se comportar na aula de educação física. Sempre atlético, sempre correndo, sempre o jogador de futebol que está lidando o máximo, que dá mais volta que todo mundo na quadra. Seria mais ou menos isso.

(E): Você ou algum amigo, amiga sua, um professor, uma professora, ou a direção da escola, a coordenação, viu essas situações e fez algo em cima delas, ou você já chegou e falou isso para elas, para a coordenação e eles tentaram mudar de alguma forma ou eles foram omissos?

(S4): Cara, geralmente, na verdade a maior das situações eu guardei, sabe? Eu não falava, não tinha muitos amigos, e as duas meninas que eu pensava que eram minhas amigas, elas me tratavam de um jeito, mas que eu não estava na frente dessas outras pessoas, eu virava

meio que o bichinho de chacota também na frente delas. Então eu fui percebendo com o tempo que nem delas eu podia confiar direito. Eu não tinha para quem chegar, porque eu não queria chegar para a minha mãe, por vergonha, por medo, seja lá, por que falar esse tipo de coisa, sendo ela professora também, então meio que escondia, às vezes eu ia para casa triste, eu chorava sozinho dentro de casa, eu não tinha para quem falar, e não tinha coragem de falar. Houve uma situação em específico em que houve uma situação dentro da sala em que começaram a xingar os meninos uns aos outros, e nesse procedimento me xingaram, e aí teve uma professora que ela viu que eu não era do meio da bagunça, mas que tinha sido xingado, e ela, porque vocês estão xingando um menino que não tem nada a ver com essa brincadeira sem graça de vocês, e com isso nós todos fomos parar na coordenação. Na verdade, na coordenação não, nós fomos parar na direção, e aí foi toda uma situação que isso foi meio que resolvido na frente da diretora, e foi aquele clássico sermão, que você tem que respeitar o colega, não pode distratar, não pode insinuar coisas sobre ele, não pode ofender o colega, peça desculpa, me pediram desculpa, não voltem a fazer isso, e acabou por ali mesmo, foi uma situação específica que o professor viu, e a gente foi parar na direção, mas foi por isso, no geral nem queria ir. Por eu ser tão perfeitozinho, dentro do ideal que queriam que eu fosse, e pisar na direção me assustava, então eu fui, ainda com medo de que depois eu sofresse alguma coisa, como aconteceu, depois dessa situação os meninos disseram: “Ah, foi tu que foi falar, foi tu que denunciar, a gente pega depois” e depois eu fui ver que estavam mexendo na minha bicicleta, foram tentar furar o pneu, tentar tirar o pito pra secar o pneu da minha bicicleta, eu cheguei bem na hora, eu vi eles ficarem todos errados, saírem embora, foram embora, né, e aí eu percebi, eu não quero treta com esse povo de jeito nenhum, porque eu não sei do que eles são capazes, é uma situação que no fim nenhum o que causei foi porque o professor observou, foi parar na direção, ele poderia gerar um acidente, sei lá o que eles iam fazer na minha bike, afrouxar freio, sei lá o que fosse, enfim.

(E): Nessas situações que você viveu, elas modificaram de alguma, de alguma forma a sua visão com a educação física?

(S4): Eu acredito que sim, porque a educação física, sempre que eu vi os alunos praticando de longe, quando eu ainda não fazia, eu achava que tipo, putz, deve ser fantástico, a gente vai botar o corpo para trabalhar, a gente vai conhecer novas coisas, novos esportes, e dar as linhas muito naquele pensamento esportista, né, como alguém que não conhecia a área tão bem ainda. Só que quando eu chegava na realidade, o meu professor era muito ‘rola bola’, então ele era o clássico, futebol pros meninos, vôlei para as meninas uma vez no mês e olhe lá, ou então botava gente pra dar a volta na quadra, quem conseguisse dar mais volta na quadra tirava nota mais alta, era uma metodologia assim meio que absurda, sem direcionamento, sem saber, sem ensinar a gente como que corria adequadamente, todo mundo descalço na quadra, sabe, sem exame, sem conhecimento básico, de frequência com essa cardíaca de coração acelerar, essas coisas a gente não sabia, a gente só ficava correndo porque ele mandava, e ele marcando quantas voltas dava, então eu, de algo legal que eu imaginava que fosse. Passei a ver a educação física como, não sei, como algo que não me atraía mais, por exemplo, houve situações em que eu não ia fazer o que o professor estava mandando e eu não sabia, eu não tinha uma resistência física pra fazer aquilo, então eu simplesmente dava na minha presença e ia embora pra casa, então muitas vezes eu até brinco falando sobre isso, eu ia pra casa com a roupa da educação física sem ter praticado educação física, porque eu não queria estar ali, não era um ambiente pra mim, era simplesmente ganhar bola pros meninos jogarem, eu não jogava bola, não tinha quem me ensinasse a jogar bola, se eu fosse querer jogar bola com aqueles meninos eu apanhava,

eu era empurrado porque eu não sabia jogar, era uma contradição imensa, eu vou ficar aqui pra quê? Eu dava a minha presença para o professor de treino e ir embora, depois de um tempo ele começou a falar do que eu só podia ir, tem problema não, então a educação física pra mim era o escape que eu ia embora pra casa mais cedo, foi basicamente isso.

(E): Durante a sua licenciatura em educação física na UFC, você teve algum contato com questões ligadas à comunidade LGBTQIA+, dentro dos cursos, de disciplinas, de projetos de extensão, entre outras coisas, o que você tenha tido, quais foram esses momentos?

(S4): Primeiro eu passei a conviver com mais pessoas também LGBTQIA+, porque acho que do meu ciclo de amigos eu não tinha muito, e aliás, corrigindo, do meu ciclo de amigos muitos vieram se descobrir depois, então foi um processo quase que coletivo também. Da época do meu ensino médio no UFC, todos os meninos, a gente que fazia informática lá, todos os meninos eram muito certinhos, nerдинhos, direitinhos, eu acho que do grupo todo, uns 80% hoje em dia se descobriu LGBTQIA+, eu achei, nossa que interessante, num período em que a gente discriminava, fazia piada, era levado a ser preconceituoso e homofóbico, hoje em dia a maioria é, como deu essa mudança, essa virada de chave também. Então a educação física me colocou em contato com mais pessoas assim, professores também, quando eu conheci, por exemplo, o Professor Marcos Campos, num lugar de poder dentro da universidade, eu disse “Caraca, é possível um professor LGBTQIA+, ter um cargo de destaque, ser respeitado, não ser desprezado pelos outros” eu achei fantástico, tanto que a primeira vez que conheci o Marcos Campos, e descobri sobre ele, sobre o seu esposo e tudo mais, eu fiquei, caraca, é possível, tem como, e todo mundo gosta do Marcos, respeita o Marcos, e sabe da família do Marcos, e convivem bem, sem preconceitos, sem piadinhas, até onde eu sei, obviamente, não sei como é por trás, mas numa relação tão bonita entre os professores, como alguns professores específicos, como a Professora Tatiana, como a Professora Luciana Catunda, por exemplo, que falavam desse âmbito também, sobre o respeito e a importância de você conhecer as diferenças para aprender a conviver com elas, a respeitá-las, a não discriminá-las, então me colocou em contato com essas pessoas, conseqüentemente, com os grupos que as rodeavam, e a entender realidades, por exemplo, a questão das pessoas transexuais, eu não conhecia, eu não entendia direito como era, porque nunca tinha sido me apresentado, então eu escutava de longe, muitas vezes, a opinião homofóbica ou transfóbica de alguém da minha família, ou do meu convívio social, e tipo, eu nunca tinha tido interesse. Mas quando entrei na educação física, por conviver com pessoas assim, conhecer a realidade delas, principalmente o sofrimento, por coisas que elas passavam, que eu nunca imaginei passar, né, como um homem branco cis também, eu posso falar isso, existe isso, eu fiquei, caramba, parece até meio idiota falar isso, mas, essas pessoas existem, e eu nunca tinha percebido que elas existiam, né, então, como projetos como as visitas da Tati, ou o EducaDance, ações promovidas pelo Marcos Campos, a mostra artística que vem gente de fora, de outros lugares que eu não conheço, né, geralmente, essas encontros, ou projetos com trocas de experiências, né, com trocas corporais, me fizeram conhecer mais essa realidade, que eu só tinha escutado de longe, não sabia que existia assim, né, como era de fato.

(E): Dentro dessa graduação em educação física, você está estudando para ser um professor, dentro da escola, ou da universidade, você propõe alguma situação, ou assim, pense em alguma maneira de intervir em situações futuras que possam vir acontecer, com você no lugar do professor, não mais no lugar do aluno, mas tendo todas essas vivências,

essas ocorrências do seu passado, e como elas poderiam modificar a sua prática pedagógica.

(S4): Eu penso assim, se eu tivesse tido um professor que tivesse me enxergado, né, enquanto criança ainda, ainda, nem como pessoa LGBT mesmo, que talvez eu ainda não soubesse, que eu poderia vir a ser ou não, às vezes a gente julga a pessoa pelo jeitinho, pelo estereótipo, mas não tem nada a ver, obrigatoriamente, com como a pessoa se identificou com o que ela é também, né. Mas acho que o simples fato de eu ter um aluno mais reservado, com um comportamento talvez um pouco mais discreto, ou mais delicado, não sei, né, dentro desses estereótipos que a gente costuma escutar por aí, eu acho que eu tentaria fazer com que esses alunos se integrassem, participassem da atividade, como um grupo de alunos que eu sou, sabe, sem dar preferência para os alunos mais atléticos, ou para os alunos que são, sei lá, mais exibidos, ou que gostam mesmo mais de participar, que gostam de ser os melhores, mas fazer com que todo mundo interagisse. E se fosse alguma situação de preconceito específico, por exemplo, eu vivenciei algo no estágio, em que eu intervi, né, como estagiário, mas que justamente me levou a pensar isso, semestre passado, como eu faria como professor. O que é que aconteceu? Estava um grupinho de alunos reunidos, e um dos meninos pegou uma mascarazinha de cílios de uma menina e começou a passar nos cílios, né. E aí um amiguinho, um colega, né, olhou pra ele e falou assim: “Hum, tem produto aí? Tu tá passando?” Aí ele olhou assim, Não, não tem não, tô só penteando, mas se tivesse produto, qual é o problema? Não poderia passar não? Aí o grupinho ao redor dele, né, eita, beleza, né. Aí ele virou para mim e perguntou, o que que o senhor acha, tio? Eu poderia usar ou não? Eu peguei e respondi: “Olha, eu vou falar por mim. É, eu não vejo problema em homem usar maquiagem se ele quiser”. Falei, né, eu particularmente uso maquiagem quando vou para uma festa, quando vou pra um evento, quando tenho um style de fotos, alguma coisa, porque eu gosto de estar com a pele mais bonita, sem curiosidade nas fotos, então eu pego a base da minha irmã, o pó da minha irmã, hoje em dia eu tenho os meus, né, obviamente, mas eu pegava dela e eu use, eu falei isso pros alunos. Não tem problema nenhum por isso, eu não deixei de ser homem por isso, se esse é o seu problema, falei olhando para o aluno. E ainda assim, se eu for homem, se eu for mulher, independente do que eu seja e eu quiser usar, qual é o problema que tem? Eu vou deixar de ser eu por usar um produto? Aí os meninos, é, tio, isso mesmo, aí o outro falou, né, o meninozinho que tinha feito a brincadeira ficou, é, pensando bem, meu que começou a dar um recuado no instinto deles, queria tirar a chacota do amigo. Aí nisso começou a discussão, a calorada ao meu redor, tipo, os meninos começaram, tio, eu também uso, tio, eu também já peguei da minha irmã, tio, quando eu tô com espinha eu peço a minha irmã pra cobrir pra mim, eu fiquei, tá vendo? Aí eu peguei e puxei, eu contei essa história, vocês sabiam que os homens usavam maquiagem? No Egito antigo os faraós utilizavam maquiagem, atores sempre utilizaram maquiagem pros filmes e pra peças de teatro, a gente que pensa que não, mas os homens sempre utilizaram também, qual é o problema que tem? Aí todo mundo ficou, é, então depois eu fiquei pensando, caramba, como aquilo foi bom pra quebrar a situação constrangedora, abrir espaço pro menino que provavelmente iria sofrer uma chacota, barrar a chacota do que ia causar a chacota, ainda levou todo mundo em discussão coletiva de algo tão simples que é problematizado muitas vezes, sabe? Então eu já pensei justamente nisso, cara, eu como professor preciso agir exatamente dessa forma, fazer com que os alunos pensem e percebam que, tipo, não tem nada de errado, sabe, naquilo que eles tão fazendo.

**TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SUJEITO 5 (DATA 29/09/2022 HORÁRIO: 16H)
CODINOME: Larissa Rodrigues.**

ENTREVISTADOR (E): Eu queria saber o teu nome e a tua idade. Qual semestre da licenciatura você está? Qual a sua identidade de gênero? Qual a sua orientação sexual.

SUJEITO 5 (S5): Meu nome é Larissa Rodrigues, 20 anos. Sexto semestre. Mulher Cis. Bissexual.

(E): Como foi a sua trajetória durante a escola? E agora eu quero que você traga, volte no passado, e pense as suas memórias de como foram as escolas que você passou, como foram seus colegas, o que você acha importante que foi todo esse período.

(S5): Eu estudei na mesma escola basicamente minha vida toda, que foi o colégio da polícia. Já pelas questões militares a gente acaba vivendo mais numa fórmula que é criada dentro do colégio. Então, por causa também da minha família ser militar, eu já fui acostumada com regras, normas e tudo e me moldar aquilo dali. É um colégio que não dá tanta liberdade de expressão. Então se não dá liberdade de expressão já de gostos, quem dirá de orientações sexuais. Colegas, todo mundo lá era mais dentro do padrão, quando tinha alguém mais diferente, era o suficiente para todo o colégio conhecer, porque aquela pessoa se destacava. Tanto que eu me lembro que quando eu estava no ensino fundamental, um ou era dois, tinha um menino que a gente o chamava pelo codinome nome dele, que ele queria que a gente se dirigisse a ele de Amanda Priscila, mas o nome dele na verdade, registro, era João Henrique. E quando os pais dele iam lá, por exemplo, para receber o boletim dele, o colégio todo sabia que tinha que parar de chamar ele de Amanda Priscila, por conta que naquele momento ele ia agir para os pais como uma pessoa hétero, por conta da questão de família. E isso ficou bem-marcado na minha memória, porque quando uma pessoa dizia, assumia dentro da escola, eu sou gay, eu sou bi, eu sou principalmente gays e lésbicas. Quem é bi, na verdade, a gente sofre dentro da comunidade um preconceito com os bis, como se a gente não existe isso. Mas principalmente quem é gay e lésbica, o pessoal, todo mundo sabia, cair em cima. E aí, por exemplo, existe um boato de um menino e uma menina ficando, ok, o colégio vai brigar, vai punir, mas se existe um boato de um menino com um menino ficando, já vai ser proibido toque, já vai ser proibido aquilo, já vai ser proibido interação, proibido abraço, já repercute mais. Até mesmo um dia eu lembro que eu estava matando aula e a gente estava no banheiro feminino, as meninas, e quando a monitora entrou no banheiro a gente se escondeu tudo dentro do mesmo box, então, tinha quatro, eram cinco meninas dentro do mesmo box. E ela poderia simplesmente falar, dá quatro meninas dentro do box, normal, estavam dentro do box, mas, na hora de falar para a escola, eles queriam enfatizar como se as meninas realmente estivessem ficando e fazendo algo obsceno, acabou que dentro do colégio ficou aquela repercussão. E dentro tinha meninas que são héteros e tinha as meninas que não, então ficou aquele negócio meio esquisito porque o colégio todo criou uma imagem sobre aquele grupo. E aí ficou desconfortável da gente permanecer, algumas se afastaram, outras até o assunto passar, a gente ficou meio assim. Tudo que acontece no colégio da polícia, para mim é um marco, se tem alguma coisa sobre LGBT, era um marco. Mas no geral a gente não tinha, a gente não conseguia ver, só fora da escola.

(E): Bom, você falou sobre algumas questões de gênero e sexualidade que aconteceram dentro da escola. Mas agora eu queria que desse um foco nas aulas de educação física e falasse que se você já sofreu algum estigma, preconceito, discriminação dentro dessas aulas? Essas aulas englobam tudo que a educação física é. Dentro dos vestiários, na sala de aula, na quadra. Já sentiu alguma aversão à sua sexualidade dentro da escola?

(S5): Não em questão específica da minha sexualidade, mas se a gente for levar em conta que a sexualidade também influencia no nosso jeito, na forma de se portar, eu já sofri por falarem que eu era muito macho. Muita gente fala que eu sou mais homem que muito homem. Então isso quando criança, as pessoas têm uma expressão de mim, de que eu era um menino. E me excluírem do grupo daquelas meninas que são mais delicadas, isso me causava um certo incômodo. E aí isso eu sentia assim nas aulas, isso eu sentia no vestiário, isso eu sentia várias formas. Principalmente entre a turma, mas não muito do professor em si, era mais entre a turma. De forma que a pessoa olha a outra e isso me incomodava um pouco. Mesmo que eu nunca gostei de ser uma ‘meninazinha’ mais patricinha e tais tipo de coisa, me incomodava porque não é porque eu sou bi, não é porque eu gosto de mulher, porque eu sou menos mulher, entendeu? Então eu continuo sendo uma mulher que se for separar entre homens e mulheres, ainda que não tem necessidade, mas se for separar entre homens e mulheres, eu ainda sou uma mulher e eu me incluo naquele grupo. E se eu for falar, eu puxo até para uma coisa da graduação, que era da aula de Futsal. Quando ia dividir os meninos e as meninas, quando faltava alguém no grupo das meninas, usava para complementar, quem? Os meninos do grupo de meninas, mas os meninos que eram gays. São eles que são usados para complementar e acontece seguir a mesma direção nas escolas. Eu lembro que tinha uma menina na minha sala que ela gostava de futebol. Então, só por ela gostar de futebol, a professor era machão, ela era, e não necessariamente. E por mais que hoje em dia, naquela época ela ainda se considerava hétero, mas hoje em dia ela diz, ah, eu sou lésbica, mas ela não deixa de ser mulher. E ela gostar de outra mulher, ela gostar de futebol, não faz ela menos mulher. Então eu acho mesmo só nesse ponto de questão da personalidade que tinha problema no colégio, mas de resto, não via nada na educação física.

(E): Você ou algum amigo seu, alguma professora, professor, alguém da gestão mesmo, a coordenação, a direção, ele já olhou para essas situações, se fizeram alguma coisa, você chegou a levar elas, caso você tenha chegado, você se sentiu confortável para falar sobre isso?

(S5): Não. Porque lá é uma escola que a gente tem que falar, é preconceituosa. Então você não se sente acolhido para falar sobre isso, principalmente porque isso aconteceu quando eu era bem mais nova, depois quando a gente vai crescendo, a gente já aprende a olhar, a enxergar as coisas em outras perspectivas, mas quando eu era mais nova, você sabia que a escola era preconceituosa, você suspeita de você mesmo, você duvida de você mesmo, você sente coisas que você ainda não sabe explicar, porque querendo ou não, sexualidade vem desde que a gente nasce, não é algo que a gente escolhe. Então você sente coisas que você não sabe explicar e você quer saber por que você é diferente, aí a gente percebe que na escola existe aquele preconceito, quando a gente começa a entender mais um pouco, a gente sabe que a escola é preconceituosa e a gente não se sente aparado. A gente não se sente aparado, a gente se sente um grupo específico de pessoas que estão sofrendo pela mesma coisa e estão em conjunto na mesma causa. Só veio mudar um pouco quando contrataram um psicólogo para a escola e esse psicólogo era um policial gay. E aí já mudou as coisas. Todo mundo que era mais velho, que entendia a situação, queria se

sentir confortável na escola, ia para a sala dele, ia para a sala que a gente chamava de SOEP. Então a gente ia para lá e conversava com ele, mas não era algo que a gente fosse levar para frente porque até mesmo ele sabia que dentro da instituição não tem voz. Então era um caso à parte, a gente conversava com ele mesmo só para poder tirar da gente aquele sentimento, mas não passava dali.

(E): Essas situações, elas modificaram a sua relação com a educação física dentro da escola pensando todas as realidades e suas vivências. Será que você se restringiu por causa dessas situações?

(S5): Sim. Por exemplo, na faculdade eu sentia uma liberdade bem grande para jogar futebol, futebol e ser incluída nisso. Lá na escola, basicamente, é definido por aqueles negócios, coisas de menino, coisas de menina e aí a gente já se sente meio dividido. E aí quando a gente vê que a gente é uma coisa, por exemplo, eu sou bissexual, eu vou jogar futebol, todo mundo já me acha macho e eu vou jogar futebol e vão me chamar de mais macho ainda e aí eu vou perder toda a minha feminilidade. Por conta disso. E não é isso, e quando o professor também não te encoraja, ele não mostra que aqui dali é todo mundo igual, não que todo mundo igual, mas que todo mundo pode participar, que todo mundo tem os mesmos direitos, que todo mundo é ativo na aula, acaba que a gente não interage. Acaba que a gente realmente vive na bolha de que isso é para menino e isso é para menina e o professor às vezes não incentiva os alunos que não querem participar e às vezes os alunos que participam que são da comunidade, eles têm vergonha e aí porque a gente tem vergonha a gente fica no canto e a gente não quer participar da aula e aí às vezes o menino também ele não, por exemplo, a questão de farda. Foi agora, literalmente, recentemente que deixaram uma menina usar a farda masculina, porque ela não se identificava com a farda feminina e isso foi muito recente, muito recente mesmo. O short das meninas de ir praticar educação física é colado e o short dos meninos é frouxo, se a menina quisesse usar o short frouxo, ela não podia, ela tinha que usar aquele short que era colado e às vezes você, a roupa te faz se sentir desconfortável com a situação e acho que tudo isso influencia na participação da aula de educação física, no geral assim eu acho que tudo isso influencia. me influenciou.

(E): Você falou algumas situações que aconteceram no futsal, dentro da disciplina da graduação, aqui da UFC, mas eu queria nessa pergunta saber se durante essa sua licenciatura, na sua graduação em educação física, você viu alguma questão relacionada com a comunidade LGBTQIA+, dentro de aulas, de palestras, de projeto de extensão em outros casos e se você já tiver visto como foram as situações, quais foram elas?

(S5): A Aula do Professor Leonardo Nepomuceno, de Fundamentos Socioantropológicos, ele falava um pouco dessas temáticas né, e aí falava do racismo, de questões homofóbicas, só que assim é, naquela perspectiva de um assunto geral amplo, eu passo porque eu tenho uma obrigação de passar. Dentro do curso, a pessoa que me dá mais base em relação a homofobia e tudo é o Professor Marcos Campos, querendo ou não ele funciona como uma inspiração dentro do curso até mesmo porque ele é assumido, ele tá aqui, ele não muda o jeito dele, ele interage com a gente, eu costumo dizer que só gosto do Marcos Campos as pessoas que são parecidas com ele, porque no geral quem não é parecido com o Marcos Campos aqui não gosta dele. Então, ele é a pessoa que mais me dá base dentro do curso, mas em outros aspectos, se teve palestra ou eu não fui, pode ter tido e eu não fui, mas de ser escancarado ou uma linha de pesquisa, alguma coisa do tipo eu nunca vi, pra mim não tem. O que tem, pra mim, é homofobia dentro do curso, isso eu sei que tem, isso eu sei

que tem descarada por alguns professores, dá pra gente notar. E aí tem professores que não, tem professores que é recente na liberdade de brincar. Tem o Professor de Futsal, que dentro das aulas eu falo, mas ainda assim eu sei que são coisas que vem do estado dele, que ele tenta mudar, que a gente conversa com ele e ele tá disposto a ouvir, mas tem professor que não tá disposto a ouvir, tem professor que fala e pronto, já tem uma convicção mais formada daquilo que é e do que não é, e aí dificilmente esses professores vão se dispor a levantar um assunto sobre esse tipo de coisa, então eu digo que se não por obrigação, aqui no IEFE's não tem. A cadeira de Fundamentos Socioantropológicos é basicamente obrigação de ter.

(E): Você tá estudando pra ser professora de educação física, ou tanto dentro da escola, na educação básica, como dentro da universidade, na educação superior. Essas situações e o que você passou no seu passado, dentro da escola, dentro da graduação, elas vão mudar de alguma forma como você vai ser professora? E caso mude, como seria abordar esses assuntos dentro da escola, abordar o que você viveu em uma outra perspectiva, na perspectiva de professora agora, não mais a pessoa que sofre?

(S5): Eu acho que é muito questão do que a gente sempre fala, querer incluir as pessoas. Nosso objetivo sempre vai ser incluir e inclusão vai além de uma aula, eu acho, até mesmo porque a gente tem questões familiares, a gente tem muitas outras coisas, a gente tem problemas da pessoa interna mesmo, de dizer: “Ah, eu não quero, eu sou, mas eu não quero que as pessoas me tratem como se eu não fosse”. Então depende muito de como a pessoa é e, de acordo com a turma, o professor saber como ele vai trabalhar dentro daquilo. Por exemplo, a gente sabe que em escola particular a gente tem muito mais dificuldade com isso, mas também em escola pública a gente tem mais ainda, porque tem uns pais mais carrascos. Se a gente aplica um tema numa aula e essa criança chega em casa falando desse tema e os pais são homofóbicos, o que a gente vai fazer? Os pais vão chegar no outro dia na escola, vão falar com a gente, a gente vai acabar criando uma discussão, gerando um problema, não que é desnecessário, é um problema que realmente vale a pena ser falado, mas que talvez não tenha sido abordado da melhor forma. Então eu acho que dentro do processo de inclusão não está só as pessoas que fazem parte, mas as pessoas que estão ao redor também, então família, palestra para os pais, dentro da escola, que não parte só do professor de educação física, porque eu acho que são temas gerais, são temas que todo mundo deve saber, racismo, preconceito, homofobia, gordofobia, tudo isso são temas que todo mundo deve saber um pouco daquilo, todo mundo deve entender o que é. E aí você escolhe, sim, mesmo entendendo, mesmo sabendo o que é, eu sou racista. Ok, é você. Sim, mesmo sendo isso eu vou ser homofóbica, ok também, é você, é o que você escolheu, porque aí sim a gente parte de uma ideia de escolha, mas eu não escolhi ser gay, eu não escolhi ser bi, eu não escolhi ser lésbica, eu nasci, e aí é totalmente diferente, e cabe a você, como pai ou mãe, tudo me aceitar. Então o professor ele está ali a mediar, ele media a situação entre a escola e o aluno, ele media a situação entre o pai e o aluno, ele media a situação entre o conteúdo e o aluno, mas ele não pode impor e tudo deve ser abordado da maneira que fique claro, mas ao mesmo tempo não seja ofensivo, não seja incisivo. Então existem formas de abordar com palestra, com atividades, eu acho até mesmo, atividades que sejam inclusivas. Eu falei que tinha atividades separadas para meninas e meninos, não tem necessidade dessa separação, as atividades, basta dizer: “Ah seus meninos são mais brutos. Meninos, cuidado!”, homens precisam aprender a ter cuidado e mulheres precisam aprender a ser forte, porque a gente vive num mundo que é totalmente perigoso, que a gente sofre. Então todo mundo precisa ser um pouco de tudo, não tem por que um menino

jogar futebol e a menina não jogar futebol. Então dentro das nossas atividades a gente pode trazer a questão de todo mundo participar, todo mundo trabalhar junto, todo mundo faz time, não tem ninguém que sobra, ninguém é a segunda opção, ninguém está ali só para completar. Todas as atividades, dança é para todo mundo. Então tudo que for fazer é para todo mundo e inclui todo mundo, seja trans, seja cis, seja gay, seja lésbica, seja hétero, inclui todo mundo. E até mesmo porque em situação de, na aula, fulano está se agarrando com fulano, isso vale para todo mundo, não é para fazer, entendeu? Não é só gay, ninguém é para fazer, não é um relacionamento hétero que pode estar agarrando, ninguém vai fazer. Então você vai pesando na balança, o que é que conta, conta tudo. Aquele ambiente conta tudo, conta os aspectos de todas as pessoas. Dentro até mesmo da graduação, porque tem gente que chega na graduação com o pensamento do ensino médio e que consegue fomentar esse pensamento do ensino médio até a graduação, como o preconceituoso. Então a gente vê gente que tem aqui, por exemplo, nas Aulas de Dança do Professor Marcos, no noturno, o público mais difícil que tem de lidar, que é o pessoal que dança coisa para mulher, dança isso, dança aquilo, eu não posso mexer isso. Corpo é corpo, corpo tem movimento independentemente e qualquer movimento é válido, e qualquer movimento faz parte do seu corpo. Então é questão de você saber lidar com a turma, você tem que conversar, você tem que deixar claro. E é muito importante que isso venha desde cedo. Não é fácil você tirar isso aqui na graduação como professor do curso superior, é mais fácil você desfazer isso desde cedo. Então isso é o que vem do ensino básico até o ensino superior. Não é uma aula sobre isso resolver o problema. Jamais. Se fosse assim muitos problemas no Brasil estariam resolvidos. É uma construção, uma construção de ideias, de pensamentos a respeito de um tema. E aí a gente vai lutando por isso e criando pessoas que são críticas, pessoas que pensam a respeito das coisas antes mesmo de terem opinião, que elas não seguem só a ideia de pai ou mãe. E isso é a função do professor, porque querendo ou não o professor deve dar a formação básica, ele está lá justamente para ajudar na construção do indivíduo. Não só de termos físicos, mas também em aspectos sociais, de interagir com o ambiente. Então é isso, na minha cabeça é isso. É o que eu faria.